

CURSO DE LETRAS

Ana Paula Pohl

IMPACTOS DO BILINGUISMO NA PRÉ-ESCOLA

Santa Cruz do Sul

2016

Ana Paula Pohl

IMPACTOS DO BILINGUISMO NA PRÉ-ESCOLA

**Monografia apresentada ao Curso de Letras da
Universidade de Santa Cruz do Sul como tarefa
integrante da disciplina de Monografia II.**

**Orientadora: Professora Mestre Karen Andresa
Teixeira Santorum**

Santa Cruz do Sul

2016

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente à pessoa mais importante da minha vida, minha mãe, Beatriz, pelo incentivo, apoio e força nos momentos mais difíceis.

Ao professor Elenor José Schneider, pela disponibilidade e esclarecimento de dúvidas.

Aos colegas do curso de Letras, obrigada pela ajuda.

Aos meus amigos de longa data, que me encorajaram dizendo que eu seria capaz.

Aos meus colegas de trabalho, pela compreensão e auxílio.

A Deus, por tudo.

E por último, mas não menos importante, à minha orientadora, professora Karen Andresa Teixeira Santorum, pela confiança que ela depositou em mim, pelo incentivo, pela paciência e também pelas trocas de ideias, inclusive aos domingos. Obrigada por compartilhar comigo todo o seu conhecimento. Sem esse apoio eu não conseguiria.

Enfim, obrigada a todos que de alguma forma foram importantes durante esse percurso até aqui.

RESUMO

O presente trabalho consiste na apresentação das divergências em torno do termo bilinguismo. Nosso primeiro objetivo é investigar o que de fato é preciso para alguém ser considerado bilíngue partindo de uma definição léxica, cronológica e a partir da visão de alunos de língua estrangeira. Para isso, elaboramos uma enquete para observarmos o que esses alunos sabem ou não sobre o assunto. Posteriormente, fizemos uma análise dos impactos positivos e negativos que podem ocorrer no bilinguismo precoce, assim como analisamos os fatores que podem viabilizar ou inviabilizar o bilinguismo no período correspondente à pré-escola. Por último, apresentamos alguns métodos de ensino-aprendizagem finalizando com o método de aprendizagem integrada de línguas e conteúdos, que consideramos ser o mais adequado no ensino de uma língua estrangeira na infância, devido às inúmeras vantagens que ele apresenta.

Palavras-chave: Bilinguismo. Bilinguismo precoce. Impactos. Ensino-aprendizagem. Metodologias.

ABSTRACT

The present paper consists in presenting the discussion related to the term bilingualism. Our first objective is to investigate what really is necessary to someone be considered bilingual based on lexical and chronological definition, and according to the view of foreign language students. In order to accomplish it, we have elaborated a poll to check what those students know about the topic. After, we analyzed the negative and positive impacts that can occur in the early bilingualism and we analyzed the elements that can make the bilingualism possible or not in the nursery school period. At last, we reported some methods of teaching and learning and discussed more deeply about the method of Content and Language Integrated Learning which we considered the most appropriate method in the teaching of foreign language in childhood because there are many advantages in this method.

Keywords: Bilingualism. Early bilingualism. Impacts. Teaching learning. Methodologies.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 BILINGUISMO A PARTIR DE LENTES VARIADAS	7
2.1 A partir do léxico.....	10
2.2 A partir do cronológico.....	12
2.3 A partir de estudantes de língua estrangeira.....	15
3 BILINGUISMO PRECOCE	20
3.1 Impactos negativos	21
3.2 Impactos positivos	23
4 FATORES (IN)VIABILIZADORES DO BILINGUISMO	27
4.1 Motivação.....	27
4.2 Formação do professor	28
4.3 Ambiente para o aprendizado de uma língua estrangeira	30
4.4 Material.....	31
4.5 Metodologia e abordagens.....	32
4.5.1 O Método Direto.....	32
4.5.2 Método Audiolingual.....	33
4.5.3 Suggestopedia	34
4.5.4 Método da Resposta Física Total	35
4.5.5 Abordagem comunicativa.....	35
5 BILINGUISMO PRECOCE PROPOSTO A PARTIR DE UMA NOVALENTE: MÉTODO DE APRENDIZAGEM INTEGRADA DE LÍNGUAS E CONTEÚDOS (CLIL)	37
5.1 Como utilizar o CLIL na pré-escola.....	38
5.2 Atuação do professor utilizando o CLIL.....	39
5.3 Inserção de alunos no método	40
5.4 Estratégias de ensino no método CLIL	43
6 CONCLUSÃO	46
7 REFERÊNCIAS	48
ANEXO A – Modelo formulário enquete	52
ANEXO B – Respostas dos alunos de português e inglês	53
ANEXO C – Respostas dos alunos de outros cursos	62
ANEXO D – Respostas dos alunos de letras inglês	68
ANEXO E – Respostas dos alunos de português e espanhol	73
ANEXO F – Respostas dos alunos de curso não identificado	75
ANEXO G – Respostas dos alunos de letras espanhol	77

1 INTRODUÇÃO

Atualmente as pessoas têm procurado cada dia mais alternativas para aprender uma língua estrangeira. Elas se matriculam em cursos de idioma e, no caso de pais, que já compreenderam a importância de saber duas línguas nos dias atuais, colocam seus filhos em escolas bilíngues ou até mesmo em cursos de idiomas desde muito cedo. Atingir o bilinguismo virou meta a ser alcançada por muitos.

No entanto, inúmeras dúvidas e questionamentos em torno do termo são motivos de debate entre estudiosos do assunto. No capítulo dois, mostraremos as definições que ao longo do tempo classificaram o indivíduo como bilíngue ou não.

Atualmente temos uma definição bem menos exigente que as primeiras apresentadas. Mas para sabermos o que as pessoas entendem por bilinguismo, fomos verificar o que estudantes de língua estrangeira sabem sobre o assunto e, para isso, elaboramos uma enquete com alguns questionamentos. A partir dela e de observações de uma visão léxica e cronológica, chegamos a uma definição que consideramos ser a mais adequada para classificar o sujeito bilíngue.

No capítulo três, a partir de uma revisão de literatura, investigamos os impactos que o bilinguismo pode causar em crianças que entram em contato com duas línguas no período que corresponde à pré-escola, partindo das primeiras impressões até as mais atuais dos pesquisadores.

Sabemos que o bilinguismo precoce era visto de maneira negativa, pois o contato da criança com duas línguas poderia causar muitos problemas no seu desenvolvimento cognitivo. Porém, hoje em dia, essa concepção mudou e vamos, dessa forma, apresentar os benefícios que essa exposição pode causar nas crianças que aprendem uma língua estrangeira já na infância.

Posteriormente, no capítulo quatro, apresentaremos alguns tópicos que envolvem o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Sabemos que a formação dos professores não conta com uma disciplina no currículo voltada para o ensino de línguas para crianças, por isso o professor precisa prestar atenção em muitos itens antes de planejar suas aulas.

Considerando o tema proposto para este trabalho de pesquisa e sabendo da importância e das vantagens de aprender uma língua estrangeira na infância, vamos apresentar metodologias variadas e métodos que podem ser utilizados em sala de aula em conjunto com um ambiente

motivador, sendo que a motivação é um fator de extrema importância para atingir o sucesso no aprendizado.

Por fim, no capítulo cinco, destacamos um método novo de ensino, pouco falado ainda no Brasil, o método de aprendizagem integrada de línguas e conteúdos (CLIL). Consideramos que esse modelo de ensino possa ser um meio inovador que pode conseqüentemente mudar o histórico de ensino de língua inglesa nas escolas do país devido às vantagens e forma de ensino-aprendizagem que ele proporciona.

O trabalho segue a linha de pesquisa “aquisição e processamento de linguagem e ensino de línguas” do Departamento de Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul. Esta linha de pesquisa investiga estratégias pedagógicas e cognitivas adequadas ao ensino, ao processamento, à aquisição de língua materna e estrangeira, assim como o processamento da linguagem oral e escrita e as implicações metodológicas.

2 BILINGUISTO A PARTIR DE LENTES VARIADAS

Por ser algo recente e complexo, o bilinguismo é visto sob diferentes lentes e por isso não há um consenso fortemente firmado a respeito de sua conceituação. Para evitar um olhar tendencioso sobre o tema, é importante não utilizar definições fechadas e, sim, ver o assunto como um *continuum* em constante modificação.

Sabemos que, ao longo dos anos, as opiniões variaram de pessoa para pessoa e isso acontece até hoje, pois cada um apresenta um conceito diferente sobre o assunto de acordo com aquilo que acredita ser mais coerente. Por existirem diversas situações para alguém alcançar o bilinguismo, talvez tenha ocasionado o surgimento de diversas dúvidas e conseqüentemente hipóteses em torno do tópico.

Durante muito tempo, um dos principais critérios para caracterizar o sujeito bilíngüe estava relacionado à fluência que ele tinha na segunda língua. Digamos que esse consenso dos teóricos mais antigos se modificou com o avanço das pesquisas e após entenderem que cada indivíduo apresenta um nível de proficiência diferente na língua estrangeira.

Para Frizzo (2013, p. 28), “falar em bilinguismo é arriscar-se em algo muito novo e um tanto desconhecido, de muita importância devido à busca, nos últimos anos, pela sociedade, em geral, em dominar uma segunda língua”. Essa busca pode ser evidenciada nos próprios comerciais de cursos de idioma que mostram as inúmeras vantagens de aprender uma língua estrangeira e focam no bilinguismo como um diferencial, numa clara alusão de que mais do que aprender o idioma farão o sujeito se tornar bilíngüe.

Um das inúmeras questões que nos levaram a pesquisar o assunto, enquanto professora de língua inglesa, foi a preocupação em entender o que é preciso para ser considerado bilíngüe, um tema atual que já está virando modismo mesmo sem ter uma definição clara e precisa, podendo, por isso, ser utilizado de forma inadequada.

Primeiramente, para iniciarmos a discussão sobre o assunto, vamos esclarecer os conceitos de língua materna, segunda língua e língua estrangeira, conceitos esses que formam um tripé sobre o qual se apoiam as lentes que observam o bilinguismo, uma vez que cada um desses termos traz em si uma miríade de usos e diferentes entendimentos

O primeiro deles, a língua materna (doravante LM), também chamada de primeira língua, é aquela que é desenvolvida logo nos primeiros meses de vida. Segundo Spinassé (2006), é a língua que vamos desenvolver no cotidiano com a ajuda dos pais, dos demais familiares e da comunidade em geral. Além disso, é preciso levar em conta diversos outros fatores para considerar a língua materna como tal, por exemplo, a língua que foi adquirida

primeiro, a que é mais falada no país e até mesmo a língua com a qual o sujeito apresenta maior relação afetiva.

O teórico ainda menciona que existem crianças que podem adquirir mais de uma língua materna em dadas situações, como, por exemplo, quando a língua dos pais não é a mesma que é falada na comunidade. Dessa forma, a criança tem contato direto com dois idiomas e conseqüentemente passa a ter mais de uma LM, sendo esse um exemplo de bilinguismo precoce.

O segundo termo, denominado de segunda língua (doravante L2), é a língua que vamos desenvolver após termos dominado total ou parcialmente a língua materna. Spinassé (2006, p. 6) afirma que “uma segunda língua é uma não primeira-língua que é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização”.

Já o terceiro conceito, denominado de língua estrangeira (doravante LE), é aquela que o indivíduo aprende por inúmeras razões, seja por interesse desenvolvido na escola, por necessidade de trabalho ou por intenção de viajar para o exterior. Além disso, não é comum ouvirmos em qualquer lugar e há apenas um pequeno grupo de falantes.

Spinassé ainda conclui que, para diferenciarmos a segunda língua da língua estrangeira, é necessário entendermos que a LE não serve especificamente para a comunicação, portanto não faz parte para integração na sociedade; já a L2 desempenha um papel importante no meio em que o sujeito está inserido.

Outro conceito basilar a ser diferenciado antes de aprofundarmos a discussão acerca do bilinguismo é aquele trazido pelo binômio: aquisição e aprendizagem, uma vez que a diferenciação entre eles é extremamente importante, principalmente quando falamos de bilinguismo precoce.

A aquisição da linguagem é um processo que ocorre logo após o nascimento, e o ser humano não lembra como, quando e nem mesmo por que começou a falar as primeiras palavras.

Na literatura existem diversas teorias sustentadas por teóricos especialistas no assunto, sobre como uma criança, considerada normal, consegue por volta dos quatro anos de idade dominar quase que totalmente a língua que é falada no seu cotidiano.

Tais teorias apresentam os mais variados pontos de vista que surgiram a partir de pesquisas realizadas com crianças nesse período, sendo que essa fase é de extrema importância no desenvolvimento de qualquer indivíduo.

Apresentaremos, no quadro a seguir, um resumo das ideias defendidas pelos especialistas a partir das conclusões a que todos chegaram ao estudar o processo de aquisição da língua materna:

Skinner	Chomsky	Piaget	Vygotsky
Behaviorismo - a aquisição da linguagem se dá por estímulo/resposta. O estímulo recebido do ambiente pela criança vai por meio de castigo ou premiação, produzir a formação do hábito.	Inatismo - a linguagem é inata e superior a qualquer outra habilidade humana. O ambiente só serve para oferecer à criança o <i>input</i> linguístico.	Cognitivismo - o ser humano possui a capacidade genética de adquirir conhecimentos. A linguagem é apenas mais um dos diversos conhecimentos que ele desenvolve.	Interacionismo - também não considera a linguagem superior às demais capacidades humanas. Defende que o desenvolvimento da linguagem, como das demais capacidades, dá-se através da interação da criança com os adultos.

Fonte: GOMES (2011, p. 31).

Apesar de acharmos que todas as teorias em torno do assunto fazem sentido de alguma forma, acreditamos que a teoria sustentada por Vygotsky seja a mais coerente em relação às demais sobre a aquisição da língua materna, uma vez que a criança começará a praticar a fala após alguns meses em exposição com a língua que é falada em casa pelos pais e por quem está à sua volta.

Esse processo é chamado de aquisição da linguagem, conforme afirma Izidoro (apud HIRSCH, 2011, p. 11): “A aquisição ocorre quando o indivíduo está inserido em um ambiente onde se fala a língua e então a adquire naturalmente, pela necessidade de comunicação”. Já a aprendizagem ocorre mais formalmente a partir do momento em que o sujeito desperta a vontade de estudar outra língua.

Portanto, quando falamos que alguém adquiriu uma língua estrangeira, esse não estudou regras gramaticas da referida língua, não sabe por que ou em quais situações deve falar determinado tempo verbal, não entende detalhadamente a estrutura da língua, apenas a utiliza de forma automática e natural. Esse processo de aquisição ocorre, por exemplo, com estudantes que ficam imersos por um determinado período de tempo no exterior para melhorar a língua estrangeira em contato direto com falantes nativos. Segundo Richter (2000, p. 35), “à aquisição da linguagem, trata-se de reconhecer que os fatores interacionais têm maior influência do que os formais”. É importante, dessa forma, interagir com falantes da LE para melhor aperfeiçoamento dessa língua.

Contudo a aprendizagem, segundo Frizzo (2013, p. 20), “é o processo que se dá dentro de uma sala de aula, onde se tem pequenas amostras autênticas da língua e mais ênfase em regras gramaticais”. Além de ocorrer nas escolas, acontece também com estudantes de Letras

que ingressam na faculdade para aprender aspectos formais e a estrutura da língua, para futuramente passar todo o conhecimento aprendido para seus alunos.

A partir de agora, conheceremos definições que o termo bilinguismo vêm recebendo. Mostraremos a definição do termo a partir do léxico, do cronológico e também a partir da visão de estudantes de língua estrangeira. Além disso, vamos mostrar o conceito pelo qual optamos seguir a partir da nossa proposta de pesquisa.

2.1 A partir do léxico

Com o avanço da tecnologia e o advento da internet, as pessoas acabaram recorrendo a uma maneira mais rápida e prática de procurar por respostas quando o assunto é pesquisa. Inclusive, a presente monografia apresenta muitas informações retiradas de artigos encontrados na internet.

Partindo da ideia de que a maior parte da população procura em *sites* e artigos na rede soluções para suas dúvidas, fomos averiguar o que encontramos de informações sobre o bilinguismo em diferentes *sites* e dicionários de língua portuguesa. A página *Wikipédia*, muito acessada pelos internautas e muitas vezes criticada por conter informações precipitadas, incorretas e não científicas, afirma:

O termo bilinguismo, aplicado ao indivíduo, pode significar simplesmente a capacidade de expressar-se em duas línguas. Numa comunidade, pode ser definido como a coexistência de dois sistemas linguísticos diferentes (língua, dialeto, etc.), que os falantes utilizam alternadamente, a depender das circunstâncias, com igual fluência ou com a proeminência de um deles. (WIKIPÉDIA, 2016.)

A página se refere ao bilíngue como alguém que é capaz de se expressar em dois idiomas de forma fluente. Destacamos aqui que tal definição aponta que a fluência deve ser idêntica em ambas as línguas.

Já no portal da língua portuguesa, achamos um conceito diferente afirmando que o bilinguismo é uma “situação linguística em que duas línguas coexistem na mesma comunidade ou em que um indivíduo apresenta competência gramatical e comunicativa em mais do que uma língua”.

Ambas as definições citam que o indivíduo deve ter a mesma competência gramatical e comunicativa em mais de uma língua, além de mencionarem que duas línguas devem coexistir na mesma comunidade, o que de fato não é necessário para alguém ser considerado bilíngue já que, aqui no Brasil, temos apenas a língua portuguesa como língua oficial do país e inúmeras pessoas que dominam uma língua estrangeira.

O dicionário de usos do português do Brasil (2002, p. 212) também utiliza a língua materna como parâmetro em relação à fluência exigida na LE, afirmando que o bilinguismo é o “uso de duas línguas ambas com caráter de língua materna”.

Definição essa também encontrada no dicionário Cegalla (2005, p. 139) afirmando que o bilinguismo é o “uso de duas línguas, ambas com caráter de língua materna, por um falante ou grupo”. Ambas as afirmações destacam a necessidade de que duas línguas tenham o caráter de língua materna para que o sujeito seja considerado bilíngue.

O termo também apresenta diversos outros conceitos como este encontrado no novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2004, p. 296), em que o bilinguismo é apresentado como uma “utilização regular de duas línguas por indivíduo, ou comunidade, como resultado de contato linguístico”. Aqui, destacamos a necessidade de utilização regular de duas línguas para o sujeito ser considerado bilíngue.

Já o dicionário didático de língua portuguesa (2012, p. 119) caracteriza o bilíngue da seguinte forma: “1. Em relação a um falante ou a uma comunidade de falantes, que usam duas línguas com fluência. 2. Em relação a um texto, que está escrito em dois idiomas: *Para traduzir o texto, ela utiliza um dicionário bilíngue português/inglês.*” Nesse conceito a utilização e a fluência em ambas as línguas são destacadas.

No dicionário da autora Maria Tereza Camargo Biderman (1992, p. 146), o sujeito bilíngue é definido como alguém que “fala, entende/ou lê duas línguas diferentes. Ele é um indivíduo bilíngue, falando bem inglês e português”. Esse conceito direciona o leitor a entender que o bilíngue deve falar, entender e ler na LE como na LM.

Concluimos que a maioria das definições léxicas encontradas citaram como fator preponderante para o bilinguismo a habilidade linguística da fala, contudo também foram incluídas em outras definições, em menor número, habilidades como a da escrita, leitura e domínio da gramática.

A maioria das afirmações encontradas na literatura também afirmam que o sujeito deveria apresentar fluência na LE com caráter de LM. Além dessas definições, algumas fontes apontaram para o fato de somente ser bilíngue quem utiliza mais de uma língua no cotidiano. Esses conceitos variados em relação ao termo podem se assemelhar em alguns aspectos gerando uma visão restritiva acerca do sujeito bilíngue, assim como nos encaminhar a várias possibilidades de entendimentos.

Para alguém leigo, ao pesquisar em qualquer uma dessas fontes, poderá ter uma noção distorcida, entendendo que apenas é bilíngue aquele indivíduo que apresenta igualdade de

domínio em ambas as línguas, ou, ainda, acreditar que a fluência é extremamente importante na classificação.

Diversos teóricos, ao longo do tempo, pesquisaram e deixaram suas definições na literatura para que fosse possível entender mais sobre o assunto. As fontes acima citadas possuem conceitos diversos em relação ao bilinguismo, pois certamente cada um deles foi baseado em teorias diferentes deixadas pelos inúmeros pesquisadores.

A partir de agora, após explicitarmos algumas definições em torno do tema, que são facilmente encontradas na internet ou em qualquer dicionário de língua portuguesa, partiremos para definições de teóricos especialistas na área e veremos como o conceito de bilinguismo vêm mudando ao longo dos anos e como as impressões que tivemos a partir do léxico são facilmente encontradas ao longo da cronologia.

2.2 A partir do cronológico

A partir do momento em que o sujeito bilíngue começou a ser investigado, inúmeras afirmações foram dadas e levadas como definição durante muito tempo. Com a chegada dos novos pesquisadores, algumas concepções se modificaram e surgiram definições novas. No entanto, como dito anteriormente, não há um consenso até os dias de hoje sobre o que de fato é o bilinguismo. Para defini-lo, é preciso levar em consideração inúmeros fatores. Então vamos conhecer algumas definições que norteiam o tema desde o seu princípio até os dias atuais.

De acordo com Megale (2005, p. 2), um dos primeiros teóricos a abordar o assunto foi Bloomfield que em 1935 definiu o bilíngue como “o controle nativo de duas línguas”. Desse modo, percebemos, conforme mencionam Limberger e Buchweitz (2012, p. 3), que “inicialmente, o indivíduo bilíngue era estudado de acordo com as habilidades em cada uma das línguas, como se ele fosse uma pessoa com duas línguas completamente separadas”. A partir dessas afirmações, concluímos que era levado em consideração o conhecimento idêntico que o sujeito possuía nos dois idiomas, o que nos faz pensar que mesmo conhecendo relativamente bem uma determinada LE o sujeito não era considerado bilíngue.

Alguns anos depois, em 1953, o teórico Weinrich, com base em conceitos anteriores, criou categorias para classificar o termo bilinguismo. Foram elas:

- 1) o bilinguismo coordenado, em que duas palavras (uma de cada língua falada pelo bilíngue) representariam conceitos separados; 2) o bilinguismo composto, em que duas palavras (uma de cada língua falada pelo bilíngue) representariam um único conceito combinado; 3) o bilinguismo subordinado, em que uma palavra da L2 seria acessada por intermédio da sua tradução na L1. (ZIMMER; FINGER e SCHERER, 2008, p. 3).

Tais categorias de classificação tornaram-se conflitantes com as definições anteriores e logo surgiu a teoria do duplo monolíngue em que, de acordo com Saer (apud ZIMMER; FINGER e SCHERER, 2008, p. 3), o bilíngue era visto “[...] como a união de dois sujeitos monolíngues em uma única pessoa”. O que gerou novamente controvérsias, pois para muitos pesquisadores era impossível atingir o mesmo nível de proficiência em ambas as línguas qualquer que fosse o histórico de aprendizagem da pessoa.

Com base em ideias de teóricos adversos a essa hipótese, Zimmer, Finger e Scherer (2008, p. 4) afirmaram que “é praticamente impossível atingir-se uma proficiência total em duas ou mais línguas, considerando-se as quatro habilidades linguísticas (fala, escrita, compreensão auditiva e leitora)”. Além de outros componentes linguísticos como a morfologia, semântica, fonologia, entre outros.

Macnamara em 1969 (apud HODGES; NOBRE, 2010, p. 3) “sugeriu que um sujeito era bilíngue se apresentasse domínio em qualquer uma das habilidades linguísticas (ler, escrever, compreender e falar) em uma segunda língua”. Para tentarmos esclarecer melhor esse conceito, citamos o exemplo de uma pessoa que apenas domina a fala em uma LE. Ela facilmente conseguirá se comunicar com um nativo da língua, porém poderá ter dificuldades na hora da escrita ou em alguma outra habilidade e, mesmo assim, de acordo com esse teórico, poderá ser considerada bilíngue.

Titone, em 1972 (apud MEGALE, 2005, p. 2), afirmou que o bilinguismo é “a capacidade individual de falar uma segunda língua obedecendo às estruturas desta língua e não parafraseando a primeira língua”. Podemos notar que tal definição possui semelhança com as demais, pois para esse pesquisador falar uma língua estrangeira precisava ser algo automático, o sujeito não poderia, por exemplo, pensar em qual língua estava falando nem transferir vocabulário da língua-mãe para a língua estrangeira, o que de fato nos faz concluir que ainda era preciso dominar a outra língua da mesma forma que a primeira.

Para muitos teóricos, considerar fatores que anteriormente não eram considerados proporcionou o surgimento de diversos questionamentos em torno do tema e a partir de então foi possível modificar algumas concepções.

A definição mais antiga, usada tanto por teóricos quanto por populares, de que o sujeito deveria dominar ambas as línguas de maneira idêntica sendo extremamente importante o nível de proficiência nos dois idiomas, entrou em desuso há alguns anos e definições mais amplas surgiram, como, por exemplo, a hipótese de Haugen (apud FLORY e SOUZA, 2009, p. 7), na qual o bilíngue era definido como alguém que “consegue produzir sentenças completas e

significativas em outra língua.” Essa definição faz com que até mesmo estudantes de língua estrangeira, em fase inicial de aprendizado, sejam considerados bilíngues mesmo apresentando um nível básico ou intermediário na LE.

A partir desses critérios e de outros observados nos processos cognitivos, sociais, linguísticos e de desenvolvimento, alguns pesquisadores nomearam o sujeito bilíngue criando outras categorias de classificação. Flory (2008), a partir de uma pesquisa aprofundada no assunto, relata que os critérios observados por eles foram a proficiência em cada uma das línguas, idade de aquisição, organização dos códigos linguísticos, status social de cada língua em dada sociedade, manutenção da língua materna, entre outros.

Quando analisada a proficiência na LE, os teóricos dividiram o sujeito bilíngue em duas categorias de classificação. A primeira delas, denominada de bilíngue balanceado, se refere àqueles que possuem um nível de proficiência parecido em ambas as línguas; já a segunda chamada de bilíngue dominante, se refere àqueles que apresentam um nível maior de proficiência em uma das línguas.

O segundo critério observado classifica os bilíngues em precoces, no caso de adquirir a LE ainda na infância, e tardios, quando apenas adquirem a outra língua depois desse período. No bilinguismo precoce, é preciso diferenciar que há duas maneiras de aquisição: quando dizemos que a criança aprendeu duas línguas ao mesmo tempo, chamamos de bilinguismo simultâneo e quando ela apenas vai aprender a LE quando já domina a LM, chamamos de bilinguismo sequencial.

Ainda segundo Flory (2008), o bilinguismo é dividido em composto e coordenado. Sendo que o composto ocorre quando o mesmo código linguístico possui a mesma unidade de significado e o coordenado quando tais códigos linguísticos estão organizados separadamente.

O bilinguismo ainda pode ser classificado como de elite, quando a pessoa fala uma LE para adquirir um certo prestígio na sociedade em que está inserida, e o bilinguismo popular, no qual a língua de origem não apresenta um *status* considerável na sociedade.

Alguns teóricos a partir do critério de manutenção da língua materna, conforme Flory (2008), dividiram o bilinguismo em aditivo, no qual o sujeito aprende uma LE e não perde a proficiência na primeira língua, e o bilinguismo subtrativo em que ocorre justamente o contrário, pois o sujeito perde a proficiência na LM ao adquirir a língua estrangeira.

Dessa maneira, a partir dessas diferentes definições, constatamos a complexidade do termo e a importância de ser visto e trabalhado sob diferentes perspectivas, bem como a conscientização acerca de todas elas.

Para fim de embasamento e aporte teórico, fizemos a escolha pela lente utilizada por Vaid (2002), segundo as autoras Zimmer, Finger e Scherer (2008, p. 5). Ao olhar para o bilinguismo, definem os bilíngues como “sendo indivíduos que conhecem e usam duas línguas, as quais não seriam necessariamente utilizadas no mesmo contexto, nem dominadas com os mesmos níveis de proficiência”. Portanto, é a partir desse conceito que vamos debruçar nosso olhar em torno do tema ao longo deste trabalho de pesquisa.

Uma vez tendo explorado o conceito subjacente ao termo bilinguismo sob as óticas do léxico e cronológico, fomos investigar como o termo era concebido por pessoas que seriam especialistas na área, alunos de língua inglesa ou espanhola do curso de Letras.

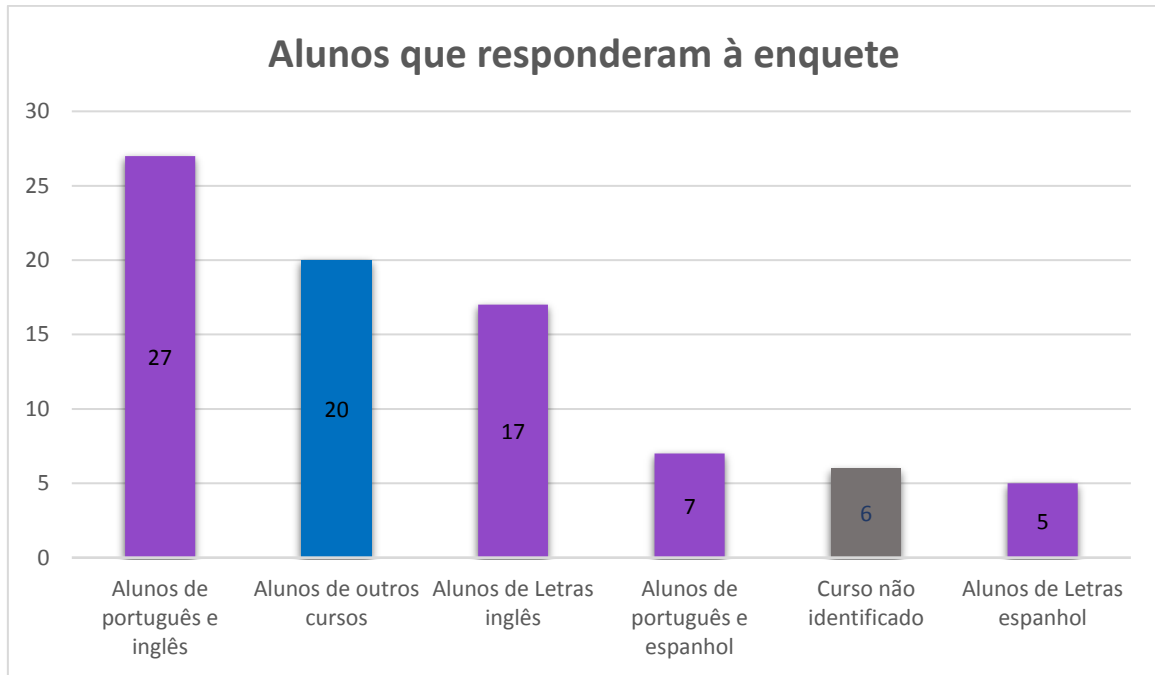
2.3 A partir de estudantes de língua estrangeira

A título de curiosidade, passamos a ver sob quais lentes os acadêmicos de língua estrangeira olham para o bilinguismo. Perguntamos a alguns universitários, em sua grande maioria do curso de Letras que estudam na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e cursam a disciplina de língua inglesa ou espanhola, se eles se consideravam bilíngues. É importante mencionarmos que também foram entrevistados estudantes de outras faculdades da região, graduandos de outros cursos como Medicina, Engenharia Civil, Administração, Relações Internacionais, entre outros.

Os sujeitos tinham que responder se eles se consideravam bilíngues e justificar. No caso dos acadêmicos de Letras ainda era preciso responder se já atuavam como professores. Caso a resposta fosse afirmativa, deveriam informar em qual série, ano ou ainda o nível. No entanto, o enfoque principal da enquete era entender o que cada um deles entendia por bilinguismo ou sujeito bilíngue.

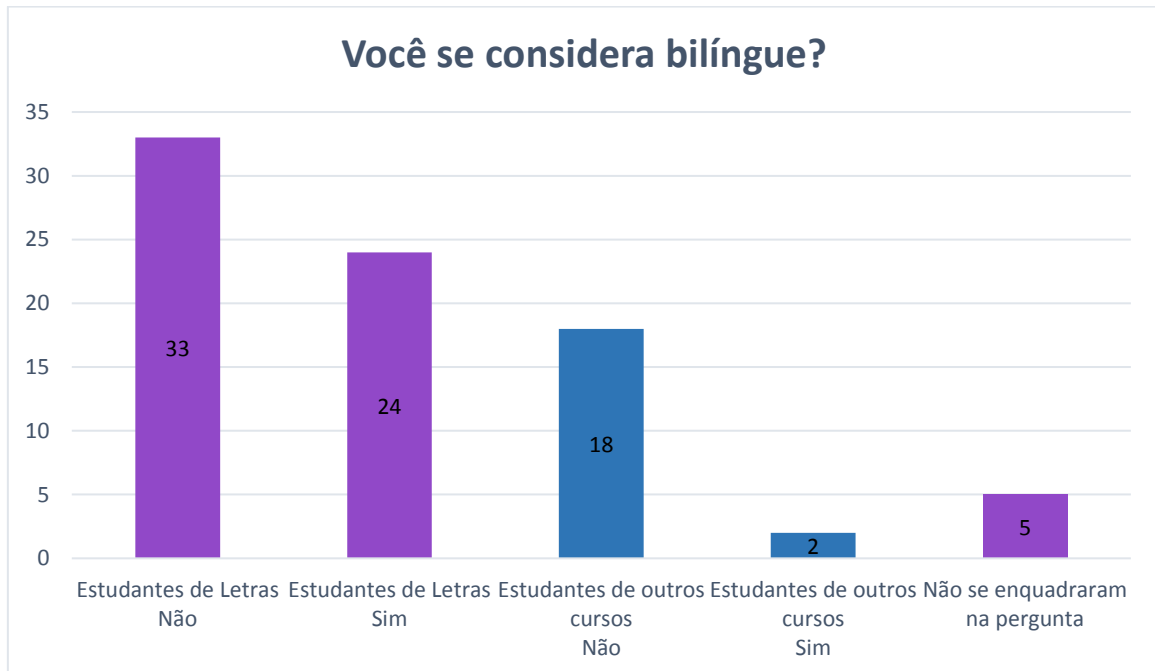
Para facilitar a coleta de dados durante o intervalo das aulas ou no início delas, as perguntas foram entregues em um formulário em papel, conforme o modelo que consta no (ANEXO A).

Todos os alunos devolveram as perguntas com as respectivas respostas que foram lidas, analisadas e contabilizadas. Chegamos a um total de oitenta e dois formulários respondidos, conforme consta no gráfico a seguir:



Fonte: Elaboração nossa.

Os formulários com as respostas dadas durante a enquete também encontram-se anexadas a partir do (ANEXO B). Após análise, obtivemos os seguintes resultados:



Fonte: Elaboração nossa.

A partir do gráfico, podemos verificar que trinta e três dos sessenta e dois alunos de Letras e dezoito dos vinte estudantes de outros cursos, isto é, a grande maioria de ambos os cursos responderam que não se consideravam bilíngues. Além desses, cinco graduandos do

curso de Letras não se enquadraram na pergunta, pois responderam de forma inadequada referindo-se ao fato de serem bilíngues parcialmente ou em processo de aprendizagem, conforme podemos analisar a partir da resposta de um deles: “Diria que estou em processo, tenho muito o que aprender ainda. Acredito que alcançarei essa denominação algum dia [...]”.

As justificativas dos alunos de outros cursos se assemelham de alguma forma. Uma parte considerável deles que responderam que não se consideravam bilíngues, mencionaram que possuíam pouco conhecimento na língua estrangeira, sendo necessário se dedicar mais ao aprendizado ou fazer algum curso de idiomas para aprimorar a língua, como podemos verificar nas respectivas respostas: “Não, acredito que preciso aprimorar meu inglês, e às vezes tenho alguns desconfortos até na minha língua materna”; “Não, para ser bilíngue preciso de bem mais prática”.

Alguns deles mencionaram que, por não falarem fluentemente a outra língua ou por não saberem se comunicar na LE, não poderiam ser considerados como tais. Alguns alunos apenas responderam que não eram bilíngues sem apresentarem uma justificativa para esse posicionamento, talvez por não saberem de fato o que significa o termo bilinguismo.

Um dos alunos que respondeu que se considerava bilíngue, justificou sua resposta comparando a língua estrangeira com a língua materna conforme podemos perceber na sua justificativa: “Sim, me considero! Eu consigo entender e me expressar em inglês, obviamente tem palavras que esqueço, frases que às vezes não entendo e que prejudicam uma comunicação adequada, porém, temos esse problema até na língua materna”. O que de fato é verdade, pois mesmo dominando a primeira língua, sempre vão existir palavras que vão gerar dúvidas na hora da escrita e até mesmo será necessário recorrer ao dicionário para entender o respectivo significado. Ninguém sabe todas as palavras de determinada língua, o que ocorre é que algumas pessoas apresentam maior vocabulário do que outras na língua materna.

O outro estudante justificou que também não apresenta um conhecimento avançado na LE, porém não possui dificuldades para entender e se comunicar nessa língua.

Falamos agora especificamente sobre os alunos de Letras que, também, em sua grande maioria, não se classificaram como bilíngues, mesmo não estando nos primeiros semestres do curso e até mesmo já atuando como professores, seja em escolas, curso de idiomas ou no PIBID¹.

¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

Um aluno do primeiro semestre do curso nem mesmo conhecia a denominação de bilinguismo, talvez por ter ingressado recentemente na universidade e não ter tido contato direto anteriormente com a língua inglesa justificando que tal palavra não era familiar para ele.

Já a outra parte dos alunos que responderam de forma negativa ao questionamento nos indicaram que apenas a comunicação, quando utilizada com fluência, é o único fator que caracteriza alguém como bilíngue. Esses estudantes justificaram suas respostas baseados no conhecimento que cada um deles possui sobre o bilinguismo e provavelmente comungam daqueles mais restritivos.

Obviamente, após algumas décadas de pesquisas e estudos, o conceito evoluiu na sua significação e apresenta hoje uma visão mais ampla, visão essa que pode não ser facilmente encontrada em artigos ou livros deixados por pesquisadores. A partir do léxico e do cronológico, observamos que há uma gama de materiais com definições já consideradas ultrapassadas e que podem confundir ou direcionar o posicionamento do leitor para significados opostos. Isso nos faz pensar que a quantidade de respostas diferentes que os alunos deram são baseadas em afirmações distintas de diferentes fontes encontradas por esses alunos.

Podemos citar, como exemplo, a resposta emblemática de um deles que diz que não se considera bilíngue com a seguinte justificativa: “Não exatamente. Embora me comunique na língua inglesa, não é com a mesma fluência do que na língua materna”. Essa concepção de bilinguismo que ele verbalizou foi exatamente a primeira concepção dada por pesquisadores, mais especificamente por Bloomfield, definição essa que hoje é considerada equivocada.

Alguns dos alunos se referiam à fluência na língua estrangeira como fator principal para o bilinguismo. Um deles disse: “Não, apesar de estar aprendendo inglês há vários semestres não falo fluente”. Ou ainda: “Não, não consigo me comunicar em nenhuma outra língua a não ser o português, por enquanto”; “Não me considero bilíngue. Ao menos não ainda. Apesar de ter um conhecimento relativamente bom de vocabulário, acredito que ainda tenho dificuldades de pronúncia e comunicação em alguns aspectos”.

Ao analisarmos todas as respostas, percebemos que a maioria dos alunos acredita que para ser considerado bilíngue é necessário dominar totalmente a língua estrangeira, principalmente na habilidade linguística da fala, tanto que as palavras mais usadas nas justificativas dos alunos foram comunicar, dominar e conhecer.

Muitos deles que responderam de forma negativa ao bilinguismo, poderiam, sim, ser classificados como bilíngues a partir das novas impressões que o termo vem recebendo, pois para Diebold (apud MOURA, 2009, p. 41), “mesmo sem produzir enunciados completos com sentido, uma pessoa pode ser considerada bilíngue em algum grau. Essa ideia incorpora as

outras competências linguísticas além da fala: a compreensão, a leitura e a escrita”. Certamente se os alunos tivessem conhecimento dessa afirmação, talvez a resposta seria positiva ao termo.

Já os alunos que responderam que eram bilíngues, citaram além da fala, a proficiência na língua estrangeira como fatores principais que levam ao bilinguismo, conforme podemos verificar nas suas respostas: “Sim, pois consigo me comunicar em mais de uma língua”; “Acho que posso dizer que sou sim alguém capaz de me comunicar em outra língua, o que me torna bilíngue”; “Acredito que a partir do momento que conseguimos compreender e expressar o pensamento nos tornamos bilíngues”.

A partir da enquete, concluímos que muitos estudantes apresentam uma conceituação do termo de maneira precipitada ou embasada em conceitos que são facilmente encontrados na internet ou em qualquer dicionário de língua portuguesa, conceitos esses que, muitas vezes, acabam influenciando o sujeito a pensar que a fluência, principalmente na comunicação, é fator principal para alcançar o bilinguismo, no entanto, segundo Grosjean (apud FRIZZO, 2013, p. 38), “não é só a fluência que importa, mas toda a construção histórica desse sujeito bilíngue”.

Vimos inúmeros recortes em torno do tema a partir desse primeiro capítulo, esses que além de nos apresentarem as evoluções que o bilinguismo teve na sua significação ao longo dos anos, nos apresentaram o que as pessoas entendem sobre o assunto.

Sabemos que não há um consenso exato para o termo, mas a partir da pesquisa conseguimos concluir que as definições mais atuais, feitas por teóricos especialistas, estão longe do conhecimento popular e também de acadêmicos que vão passar a ensinar uma língua estrangeira. Esses novos olhares colocam por terra aquelas definições ultrapassadas acerca do termo.

A partir do próximo capítulo, vamos investigar quais os impactos positivos e negativos do bilinguismo precoce, pois há diversos questionamentos em relação a qual seria o melhor período para o aprendizado de uma segunda língua e quais os efeitos que essa exposição causaria no desenvolvimento da criança em contato com essa língua desde cedo.

3 BILINGUISTO PRECOCE

Uma vez eleito o conceito geral de bilinguismo norteador da presente pesquisa, passaremos agora a uma revisão de literatura referente ao bilinguismo precoce, que é na verdade o objeto de nossa investigação, tanto em relação a sua definição quanto às vantagens e desvantagens de aprender uma nova língua nesse período.

Há em torno do assunto diversos questionamentos sobre quando de fato seria o melhor período para aprender uma língua estrangeira. Muitas pessoas acreditam que quanto mais cedo a criança estiver em contato com outra língua, mais rápido e maiores facilidades ela terá para esse aprendizado e, talvez por isso, que a procura de pais por escolas bilíngues, que ensinam principalmente a língua inglesa, têm aumentado gradativamente. Silveira e Souza relatam:

Para alguns especialistas, o momento ideal para estudo de uma língua estrangeira é na infância já que nesta fase as crianças apresentam maior flexibilidade para compreender sons e significados novos, isso porque as crianças apresentam uma estrutura cognitiva mais flexível, com maior sensibilidade e preparação para a absorção de novos idiomas. Nessa fase é como se a cognição da criança se assemelhasse a uma massa de modelar, que pode ser moldada enquanto não atinge certo estado de enrijecimento. (SILVEIRA; SOUZA, 2014, p. 5).

Muitos pesquisadores têm falado sobre a hipótese do período crítico que, para Spada (2004, p. 5), “é baseado no princípio de que fatores biológicos e maturacionais limitam a capacidade de aprendizagem de línguas depois de uma determinada idade”. Podemos pensar nessa fase como se existisse uma janela fixa de idade e durante esse período a aprendizagem de uma LE pudesse acontecer naturalmente e sem muitos esforços, e após essa janela não seria possível aprender da mesma forma que anteriormente.

Além disso, o teórico Vygotsky (1998), fala sobre a zona de desenvolvimento proximal. Segundo ele, existem ainda os níveis de desenvolvimento real, que seria tudo aquilo que o indivíduo consegue fazer sozinho sem a ajuda de terceiros, e o nível de desenvolvimento potencial que seria exatamente o contrário, tudo aquilo que a pessoa não consegue fazer sem a ajuda de alguém mais experiente que está a sua volta.

Para Vygotsky (1998, p. 112), a zona de desenvolvimento proximal “é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial”. Isto é, como se existisse um espaço entre o que a pessoa faz hoje com a ajuda de alguém e o que ela será capaz de fazer sozinha algum tempo depois.

Na literatura, encontramos uma correlação entre o bilinguismo infantil ou o ensino precoce de língua inglesa com a zona de desenvolvimento proximal. Segundo Hirsch,

no caso da aprendizagem de língua inglesa precocemente, podemos sugerir que ocorre uma ampliação da zona de desenvolvimento proximal, ou seja, amplia-se a potencialidade do indivíduo que, caso venha a dar continuidade aos estudos de L2, apresentará mais facilidade na aprendizagem e compreensão da língua quando comparado a outro indivíduo que tenha iniciado o processo de aprendizagem da L2 em idade tardia. (HIRSCH, 2011, p. 16).

Essa é uma das razões pelas quais muitos pais optam por falar mais de uma língua em casa logo após o nascimento da criança. Dessa forma, ela vai desenvolver a língua estrangeira sem muitas dificuldades e, como já visto no capítulo anterior, poderá até ser classificada como bilíngue nesse período.

No Brasil, não é comum que ocorra o uso de duas línguas no ambiente familiar, pois a maioria dos brasileiros apenas domina a língua materna, que é a língua portuguesa e, geralmente, a criança terá contato com uma língua estrangeira apenas na escola, no ensino fundamental dois ou então já na pré-escola, em creches ou escolinhas que optaram por acrescentar uma LE no currículo de forma precoce.

Quando falamos em bilinguismo precoce, referimo-nos, então, ao fato de um indivíduo no período da infância (0 a 6 anos) aprender uma língua estrangeira, tanto pelo processo de aquisição quanto pelo de aprendizagem.

O bilinguismo precoce foi alvo de diferentes opiniões sobre as consequências que poderiam surgir na criança em contato com duas línguas desde cedo.

O presente capítulo tem como objetivo principal investigar os impactos positivos e negativos que podem decorrer do bilinguismo precoce no período que corresponde à pré-escola.

3.1 Impactos negativos

Muitas crianças iniciam o processo formal de aprendizagem na pré-escola. É nesse período que elas vão começar a aprender, com o auxílio de um professor especializado, as letras do alfabeto, os numerais, a escrever o próprio nome, ou seja, é nessa fase que vão acontecer inúmeras descobertas por parte da criança, iniciando um ciclo de aprendizagem que vai se estender durante toda a sua vida.

No caso do aprendizado de uma língua estrangeira não é diferente, muitas crianças apenas vão ter contato direto ou mesmo saber da existência de outra língua nessa fase, enquanto que, em casos menos recorrentes, algumas delas já tiveram contato com a LE antes de ingressarem na escola.

Historicamente, o bilinguismo precoce não era visto de maneira positiva pelos educadores e por alguns pais, pois esses acreditavam que adquirir uma língua estrangeira

precocemente poderia causar inúmeros problemas no desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança. Frizzo aponta que

[...] por muitos anos, mais precisamente desde o século XIX, pessoas acreditavam e mostravam que o fato de falar duas línguas poderia impedir a aprendizagem de uma das línguas ou das duas, de forma correta. Para essas pessoas, a criança que aprendesse duas línguas poderia começar a confundir-se nas línguas quando entrasse na escola, ou seja, o bilinguismo era visto como uma desvantagem. (FRIZZO, 2013, p. 42).

Conforme a autora, tais argumentos defendiam a ideia de que crianças bilíngues não iriam se inserir facilmente no contexto escolar, desenvolveriam sotaque na LM e apresentariam dificuldades no momento da escrita confundindo ambas as línguas, além de outras desvantagens.

Bialystok (apud SANTOS, 2013, p. 10) “ressalta que em relação à proficiência geral em linguagem, crianças bilíngues frequentemente têm um vocabulário inferior em cada um dos dois idiomas do que os monolíngues em sua própria língua”. Porém, muitos autores argumentam que se juntarem o vocabulário que a criança bilíngue apresenta nos dois idiomas, terá o mesmo conhecimento de palavras do que as crianças monolíngues possuem na sua língua materna.

Flory (2008, p. 63) menciona que alguns estudiosos acreditavam que o bilinguismo poderia causar “confusão identitária, ou seja, de que crianças bilíngues correriam o risco de ter prejuízos no desenvolvimento de sua identidade”.

Zimmer, Finger e Scherer (2008, p. 6) afirmam que no início da década de 1960, os “estudos que analisavam o comportamento de crianças que viviam em contextos bilíngues tendiam a afirmar que os indivíduos bilíngues pareciam possuir desvantagens linguísticas e cognitivas”, quando as mesmas eram comparadas com crianças monolíngues.

Diaz (apud HODGES; NOBRE, 2010, p. 2) também menciona que “as pesquisas iniciais sobre o tema apontavam o bilinguismo como causa de baixo quociente intelectual, confusão linguística e até mudança de personalidade”. Consequências drásticas e tão negativas que inserir uma criança em um contexto bilíngue deveria ser analisado com cautela, principalmente pelos pais.

Hodges e Nobre (2010) citam que os resultados negativos dessas crianças bilíngues em relação às monolíngues não foram constatados, pois os pesquisadores analisaram crianças que apresentavam um nível socioeconômico inferior e pouco acesso à informação, não sendo o fato do bilinguismo em si a causa para esses resultados negativos. Para eles, os pesquisadores não conheciam praticamente nada em relação ao meio social em que a criança estava inserida, nem mesmo aspectos culturais e metodológicos.

Peal e Lambert, em 1962 (apud FRIZZO, 2013, p. 42), “atribuíam os resultados negativos dos bilíngues nos estudos anteriores à falha dos pesquisadores em diferenciar pseudobilíngues e bilíngues verdadeiros”. Isto é, os pesquisadores não realizaram os testes com crianças que podiam ser realmente consideradas bilíngues, o que gerou tais resultados negativos.

Segundo Flory (2008), tais teóricos chegaram a essas conclusões, pois nesse mesmo período realizaram uma pesquisa com crianças que apresentavam seis contextos socioculturais distintos e que realmente podiam ser consideradas bilíngues.

A autora ainda salienta que a visão negativa em relação ao bilinguismo era tão intensa, que, mesmo os teóricos que realizaram a pesquisa, antes de chegarem aos resultados positivos, acreditavam que as hipóteses de Peal e Lambert levariam a resultados equivalentes em relação às crianças monolíngues em comparação com as bilíngues, no caso da inteligência não verbal e os monolíngues teriam um melhor desempenho em testes sobre a inteligência verbal.

Os resultados foram exatamente opostos e as crianças bilíngues se sobressaíram em relação às monolíngues para espanto de todos na época. No entanto, alguns teóricos questionaram os resultados da pesquisa criticando Peal e Lambert por aplicarem os testes apenas em crianças que dominavam a LE. Para Flory (2008, p. 38), “tal pesquisa, inaugurou a fase dos efeitos positivos do bilinguismo, que persiste até os dias de hoje. Inúmeras pesquisas subsequentes encontraram resultados nesse mesmo sentido”.

Na literatura não encontramos muitas informações sobre os impactos negativos que podem ser desenvolvidos em crianças que estão em contato com duas línguas desde cedo. Para Frizzo (2013, p. 43), os resultados negativos de algumas pesquisas realizadas “foram ignoradas por praticamente todos os pesquisadores da época”. Dessa forma, após novos estudos desenvolvidos com crianças bilíngues, surgiram ideias positivas em relação ao aprendizado de ambas as línguas na infância. Vamos apresentar a partir de agora alguns impactos positivos da criança bilíngue.

3.2 Impactos positivos

Estudos recentes revelam que tornar-se bilíngue na infância pode gerar benefícios importantes para o desenvolvimento das crianças em relação àquelas que são monolíngues. Para Lopes (2006, p. 3), “ao estarem expostas a duas línguas, adquire-se experiência com a linguagem em diferentes contextos e essa experiência tem consequências importantes”.

Pearl e Lambert (apud ZIMMER; FINGER e SCHERER, 2008, p. 7) defendem a ideia de que a experiência de ter duas línguas para “descrever o mundo fornece aos bilíngues condições para compreender que muitas coisas podem ser vistas de dois modos, e contribui para que eles percebam e interpretem o mundo de forma mais flexível”.

Além do mais, segundo Robinson (apud HIRSCH, 2011, p. 27) durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira diversas funções cognitivas são utilizadas, pois a criança quando busca sistematizar a LE precisa prestar atenção, armazenar e absorver, além de recordar informações na referida língua, o que conseqüentemente vai ocasionar um desenvolvimento do pensamento muito mais elaborado.

Hodges e Nobre (2010, p. 5) afirmam “que o que se tem observado é a existência de evidências de que crianças menores são mais capazes de perceber e se apropriar dos diferenciais sintáticos e fonológicos de duas línguas do que adultos”. Conseqüentemente, quanto mais cedo a criança for exposta à LE, maiores facilidades ela terá em diferenciar os sons dessa língua e os demais aspectos linguísticos.

Trabalho com o ensino de Língua Inglesa em uma escola municipal, em turmas do primeiro ao quinto ano e percebo que as crianças apresentam, sim, facilidades no aprendizado de uma LE. A grande maioria delas articula com facilidade palavras novas na outra língua e dificilmente as esquecem.

Obviamente sempre há exceções, e algumas delas apresentam dificuldades na hora da pronúncia e memorização. Destacamos novamente que os fatores sociais, econômicos, entre outros, devem sempre ser levados em consideração nesses estudos. Além disso, algumas crianças, inclusive, apresentam dificuldades no aprendizado da escrita mesmo na língua materna, sendo necessário um reforço pedagógico ou atendimento em Sala de Recursos, onde o aluno será ajudado por um profissional especializado em Educação Especial para apoiar crianças com dificuldades no processo de ensino e aprendizagem.

Na presente pesquisa, não vamos levar em consideração esses aspectos nem pesquisá-los de maneira aprofundada, levando sempre em consideração crianças que precocemente se tornam bilíngues de uma maneira geral e que não apresentam dificuldades no aprendizado.

Para Martins (apud SANTOS, 2013, p. 12), após várias pesquisas, os cientistas concluíram que “falantes bilíngues são capazes de lidar melhor e mais rápido com distrações e isso pode ajudá-los a desempenhar melhor as tarefas mentais que apresentam declínio com a idade”.

Conforme Flory (2008), após análise em resultados de teóricos que verificaram o pensamento criativo do sujeito bilíngue, foram relatados que os mesmos possuem vantagens

em relação aos monolíngues em relação à criatividade. Porém, a autora nos ressalta que é de extrema importância entender que nem todos os bilíngues vão apresentar essa vantagem, sendo importante, como dito anteriormente, analisar o contexto em que a criança bilíngue está inserida.

Cantizani (apud FLORY, 2008, p. 57), após pesquisas em crianças de até seis anos de idade, concluiu que “ocorreu um processo crescente na compreensão e na produção das línguas, as quais teriam um desenvolvimento paralelo, não sendo constatada interferência entre as línguas, nem estrutural e nem semântica”.

Tal afirmação comprova que a criança bilíngue não confunde ambas as línguas e sabe exatamente em quais contextos deve utilizar cada uma delas. Além disso, com o passar dos anos, a criança estando inserida em um ambiente bilíngue vai possibilitar-lhe a evolução em relação à proficiência tanto na língua estrangeira quanto na língua materna.

Ricardo (1988, p. 5) ressalta que “o bilinguismo ajuda qualquer um a compreender melhor seu idioma natal. Isso ocorre por causa do processo de comparação, o único que nos permite uma ideia clara das coisas”. Tal processo confirma a ideia de Cantizani, pois desenvolvendo a capacidade de comparar ambas as línguas, a criança conseqüentemente não fará confusão na utilização das mesmas.

Ainda na esteira dos que defendem o bilinguismo precoce, Flory (2008) observou, a partir de estudos relacionados ao termo, que atualmente são encontrados alguns benefícios segundo especialistas no assunto.

O primeiro deles corresponde à comunicação, quando a criança consegue interagir na LE com os pais, sendo que esses devem falar duas línguas com a comunidade, pessoas próximas da família, etc. O segundo benefício está relacionado aos ganhos culturais, sendo que a criança vai interagir e aprender sobre diferentes culturas, costumes, ampliando seu conhecimento em relação ao mundo, além de vantagens cognitivas diversas, como, por exemplo, relacionadas à flexibilização do pensamento e aceleração no desenvolvimento cognitivo.

Conforme Baker (apud PASSOS, 2012, p. 26), “a aquisição da segunda língua passa por um processo e esse ocorre de forma mais efetiva quanto mais cedo à criança é introduzida”. Ainda segundo o autor, isso ocorre porque os elementos fônicos na primeira língua não estão totalmente formados, além do fato de quanto mais nova a criança for, mais habilidades linguísticas generalizadas ela poderá desenvolver.

Brown (apud PASSOS, 2012, p. 26) “explica que na criança pequena a plasticidade e variabilidade estão mais presentes, pois ela possui áreas no hemisfério esquerdo do cérebro com incumbências ainda não totalmente estabelecidas”. Isso permite que a pronúncia na LE seja

quase equivalente à da língua materna, quanto mais cedo a criança aprender uma língua estrangeira.

Após mostrarmos uma ampla lista de vantagens em relação ao bilinguismo precoce, evidenciamos que os impactos negativos não foram comprovados pelos pesquisadores após a realização de pesquisas, tanto em crianças bilíngues quanto em monolíngues.

Essa visão errônea de que a criança apresentaria sérios problemas cognitivos, assim como outros listados anteriormente, foram apenas as primeiras impressões que os especialistas apresentaram após a realização de pesquisas iniciais no período que corresponde à infância.

Algum tempo depois, as concepções mudaram e, atualmente, estudos científicos concluem que inserir a criança em um contexto bilíngue desde cedo possibilita tantas vantagens, que os impactos que podem ser observados no bilinguismo precoce são, portanto, positivos.

Essa concepção possibilita o ingresso de crianças em um contexto bilíngue desde cedo sem preocupações, principalmente de pais e educadores. Sabemos que nem todas as escolas possuem aulas de uma língua estrangeira desde a pré-escola, porém muitas já perceberam a importância e incluíram essas aulas no currículo.

No próximo capítulo, vamos investigar alguns fatores implicados no processo de ensino precoce de língua inglesa na pré-escola. Tais fatores consistem na escolha da metodologia a ser utilizada, o ambiente da sala de aula, ou seja, o espaço físico no qual a criança estará inserida durante o processo de aprendizagem da LE, materiais didáticos e a preparação do professor para interagir com crianças nessa faixa etária.

4 FATORES (IN)VIABILIZADORES DO BILINGUISMO

No presente capítulo, levantaremos alguns fatores que podem impactar no bilinguismo precoce, viabilizando-o ou inviabilizando-o, ou ainda, em alguns casos, culminando com a criação de uma barreira em relação à LE ainda na infância, que poderá ser enfrentada ao longo de toda a vida escolar dos alunos.

O primeiro fator a ser investigado trata sobre a motivação dos alunos em relação ao aprendizado.

4.1 Motivação

Um dos fatores que podem marcar definitivamente, tanto o processo de aprendizagem quanto o de aquisição de uma LE, é a motivação em aprender ou adquirir o idioma. A motivação vem sendo considerada um dos aspectos mais importantes no processo de aprendizagem sendo responsável por um melhor desempenho dos alunos. Para Guimarães e Boruchovitch (2004, p. 1), “um estudante motivado mostra-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, engajando-se e persistindo em tarefas desafiadoras”.

Hoje em dia, os teóricos falam sobre a existência de dois tipos de motivação, que são denominadas de motivação intrínseca e extrínseca. A primeira delas, segundo Martinelli e Bartholomeu (2007), ocorre quando o aluno apresenta interesse próprio na realização das atividades buscando constantemente desafios e novidades, sem esperar algo em troca, sendo que a participação já é em si uma premiação pelo seu esforço.

Já a motivação extrínseca, conforme Martinelli e Bartholomeu (2007), é justamente o contrário da motivação intrínseca, sendo que essa ocorre quando o aluno espera uma recompensa, seja ela material ou social, por parte de alguém, esse que constantemente faz pressões e cobranças no aluno para que ele faça as atividades propostas.

Podemos citar como exemplo específico nesse tipo de motivação as recompensas que são prometidas pelos pais aos filhos, caso os mesmos alcancem todos os objetivos propostos durante o ano letivo e sejam aprovados para o ano seguinte. Essa tática é bastante utilizada, principalmente no período da infância e na grande maioria das vezes obtém resultados positivos.

Em sala de aula, o professor deve saber lidar com vários tipos de alunos que, muitas vezes, vão apresentar, por exemplo, motivações diferentes e conseqüentemente respostas diversas em relação ao aprendizado de uma LE. Aqueles que estão mais interessados e por buscarem constantemente desafios e resultados, podem desempenhar um nível de aprendizagem

mais significativo em relação aos demais que não estão tão motivados assim. Lima, baseada em conceitos de alguns teóricos, menciona que

[...] as crianças são geralmente mais entusiasmadas e vivas como aprendizes; elas tendem a agradar o professor e não apenas os amigos; elas tentam fazer as atividades propostas mesmo sem saber por que ou como. No entanto, elas também perdem o interesse rapidamente e não conseguem manter a motivação para tarefas que elas julgam difíceis. (LIMA, 2013, p. 6).

Quem convive diariamente com crianças em sala de aula sabe que é exatamente isso que acontece. Quando elas acreditam que não são capazes de fazer determinada atividade, muitas delas acabam fechando até mesmo o caderno, dizendo para o professor que não são capazes de realizar o exercício ou começam a copiar do colega que está sentado ao lado. Isso quando não perturbam a ordem da sala por já não terem mais paciência e, principalmente, interesse na realização da atividade proposta pelo professor.

Dessa forma, é de extrema importância que o docente desenvolva uma série de atividades que chamem a atenção dos alunos e principalmente que despertem o interesse na aprendizagem.

Porém, mais importante do que motivar os alunos é o professor se sentir motivado. Segundo Perine (2010, p. 2), “um dos grandes desafios do professor não é o de se motivar ou motivar seus alunos, mas conseguir manter essa motivação estável ao longo do processo, que muitas vezes é cansativo e difícil”.

Em seguida, vamos explicitar fatores externos que podem interferir na motivação dos alunos para aprendizagem de uma LE. Assim como falar sobre a atuação do professor no processo de ensino com crianças. Alguns professores, no início de sua experiência com a docência, podem enfrentar certas dificuldades ao trabalharem com uma demanda cada vez mais em voga atualmente, a pré-escola e educação infantil em escolas particulares, tendo que ensinar língua estrangeira para crianças que ainda nem estão alfabetizadas.

De um modo geral, o enfoque na graduação é a preparação de um profissional que atuará sobretudo a partir do quinto ano escolar, como é a prática nas escolas públicas que oferecem inglês, por exemplo, somente nas séries finais do ensino fundamental.

4.2 Formação do professor

A formação de um professor de língua estrangeira envolve uma série de etapas que devem ser atingidas, até que de fato ele possa assumir a docência em sala de aula. Na graduação, além da prática, o então aluno aprende detalhadamente sobre as regras gramaticais da língua

em estudo e, principalmente, como passar esse conhecimento adiante. Esse acaba sendo o grande diferencial do profissional especializado em uma LE, pois mais do que aprender o idioma, ele vai entender toda a estrutura envolvida na formação dessa língua. Além disso, Leffa diz que

o professor de línguas estrangeiras é um profissional em formação contínua; precisa estar sempre se atualizando, não só para acompanhar um mundo em constante mudança, mas também para ser capaz de provocar mudanças. Emancipação, autonomia, diálogo, domínio afetivo, ênfase no desejo do aluno, ruptura com o tradicional, transgressão do currículo, formação integral são algumas das ideias-chaves [...]. (LEFFA, 2008, p. 21).

O bom professor está sempre buscando ideias novas que despertem o interesse do aluno e, principalmente, quando nos referimos ao ensino de um idioma na pré-escola, atividades dinâmicas e especialmente criativas devem ser trabalhadas pelo professor praticamente em todas as aulas, Barcelos (2010, p. 17) ainda reforça que “o ensino de línguas adicionais para crianças, muito presente nos dias atuais nas escolas do Brasil, requer de seus profissionais uma atenção especial com respeito à prática da sala de aula”.

Saliento aqui, como acadêmica do curso de Letras, que o processo de formação é um período rico de aprendizagem em diversos sentidos relacionados à língua, mas, de fato, o enfoque principal das aulas está voltado para o ensino de língua inglesa nas séries finais, seja ensino fundamental dois ou médio, o que pode dificultar a prática do professor que vai atuar nos anos iniciais na escola. Argumenta Barcelos:

A dificuldade em relação à qualificação dos professores ocorre, pois de um lado a maioria dos professores que são formados para ensinar línguas, não têm conhecimento sobre as peculiaridades da educação infantil. Por outro lado, professores que têm conhecimentos e experiência na educação infantil, na maior parte dos casos, possuem conhecimentos limitados na língua inglesa. (BARCELOS, 2010, p. 23.)

Se pensarmos em termos de Brasil, os professores de anos iniciais não apresentam conhecimento de língua inglesa, pois não apresentam a disciplina incluída no currículo durante sua formação. Caso exista algum professor que domine uma LE é porque o mesmo fez algum curso de idioma ou aprendeu a língua por outras razões, o que torna impossível esses profissionais ensinarem a LE para as crianças, sendo então necessária a atuação de um professor especialista, que é no caso o formado em Letras.

O professor formado em Letras, e dominante da gramática da língua estrangeira, ao trabalhar com crianças precisa pensar e planejar de que maneira ele vai ensinar a língua-alvo, sendo que as mesmas não sabem ler, nem escrever ou ainda não conhecem a classificação, por exemplo, das palavras como substantivos, adjetivos, não conhecem tempos verbais, entre outras

estruturas. A prática em si, os erros e acertos vão ser essenciais nesse processo de aprendizado do professor na forma correta de ensinar uma LE nesse período. Especialmente, por tratar-se de um período tão importante e que pode marcar a fundo, tanto de maneira positiva quanto negativa uma criança e a relação dela com a língua alvo para sempre.

Para Vale e Feunteun (apud BARCELOS, 2010, p. 19), “o papel do professor deve ser de amigo, de motivador, de coordenador, de organizador, entre outros. E para isso é indispensável conhecer os processos de desenvolvimento das crianças”, assim como suas necessidades e seus interesses. Além disso, faz-se necessário manter um bom relacionamento entre professor e aluno para que o processo de aprendizado seja prazeroso e motivacional.

Cabe, então, ao professor ser o mais próximo possível do aluno, não deixando de lado a sua autoridade. Mas é preciso que ele instigue os alunos à prática, não só na habilidade da fala, mas em todas as outras habilidades linguísticas. Também é necessário que ele chame a atenção para os erros cometidos na hora da prática, mencionando que os mesmos são necessários para o aprendizado, pois acreditamos que no momento que os estudantes perdem o medo de errar, eles vão ser mais participativos durante as aulas.

Concordamos plenamente com todos os itens mencionados acima. Porém, sabemos que, mesmo o professor sendo excelente no processo de ensino, buscando cada vez mais metodologias novas e inovações em sala de aula, os alunos precisam, também, fazer a sua parte para alcançar o bilinguismo.

Conforme discutido no presente trabalho, a formação do professor é um dos principais fatores que podem viabilizar ou inviabilizar o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Mas além do fator humano, existem também fatores físicos que podem causar dificuldades no processo, tanto para o professor quanto para o aluno.

Destacamos que apesar da importância de cada um desses fatores – tanto humano quanto físicos -, a comunhão deles levará o professor a atingir os objetivos propostos no ensino da língua. Entre os fatores físicos, destacamos o ambiente escolar, o material didático, a adoção de metodologias e abordagens.

4.3 Ambiente para o aprendizado de uma língua estrangeira

Os alunos, quando estão na escola, passam a maior parte do tempo dentro de uma sala de aula. Na educação infantil, é comum que existam espalhadas pelo espaço caixas com brinquedos, com jogos e materiais diversos, além de lugares específicos, por exemplo, para

leitura, higiene, entre outros. Aliás, esses ambientes podem ser dos mais variados assuntos, o que vai depender da criatividade do professor.

No caso do professor de língua inglesa, ele pode utilizar um desses espaços para colocar as atividades desenvolvidas com os alunos, como cartazes, fichas de explicação, entre outros, que chamem a atenção dos mesmos e torne a sala mais ambientada para aquela proposta e, também, para que os alunos se sintam mais motivados.

Segundo o professor Phillips (2014),² o ambiente na sala de aula afeta a moral e aprendizagem do aluno, dessa forma, o espaço precisa ser agradável, a disposição das classes deve ser de maneira adequada à turma e deve variar de acordo com cada atividade.

Nas aulas de inglês, é importante que haja interatividade entre os alunos, então o professor pode colocar as classes dispostas em círculo para que os alunos consigam visualizar melhor uns aos outros e se comunicar entre si, torna-se necessário criar um ambiente para que os alunos se sintam seguros e convidados a participar da aula. Segundo Fleming e Younger (2012, p. 2),³ “criar um bom ambiente em sala de aula é um fator importante no ensino eficaz”.

Outro fator que deve ser levado em consideração é a organização dos materiais. Hannah (2013, p. 7)⁴ afirma que “a organização da sala pode desempenhar um papel muito grande na disciplina dos alunos”. Se o aluno percebe que a mesa do professor está desorganizada ou que há papéis espalhados pelo chão, assim como cartazes tortos ou mal elaborados, feitos de qualquer jeito, ele certamente agirá da mesma forma, não realizando trabalhos bem feitos, ocasionando a perda da motivação e interesse nas aulas, prejudicando até mesmo o aprendizado.

Para Fleming e Younger (2012),⁵ cartazes bem elaborados, coloridos, de diferentes formas podem servir de ferramenta para motivar os alunos e gerar recurso autêntico. Além disso, a sala de aula deve estar sempre limpa e bem organizada, pois a boa aparência da sala leva a um ambiente produtivo durante todo o ano letivo.

4.4 Material

Uma das dificuldades encontradas pelo professor no ensino de uma língua estrangeira no período pré-escolar, segundo Barcelos (2010), ocorre pelo fato de não haver uma gama de materiais para crianças não alfabetizadas. Dessa forma, o professor precisa criar ou procurar

² Tradução nossa.

³ Tradução nossa.

⁴ Tradução nossa.

⁵ Tradução nossa.

em outras fontes atividades dinâmicas e lúdicas para o ensino do conteúdo específico de cada aula.

Dessa forma, torna-se necessário levar para a sala de aula materiais autênticos e variados com o intuito de facilitar a assimilação da matéria. O professor pode levar para as aulas objetos concretos e visuais. Por exemplo, se o conteúdo do dia for materiais escolares, a sala de aula apresenta uma série deles que podem ser utilizados para exemplificação, é importante ser criativo e ousado na realização das atividades com os alunos.

Também podem ser levadas imagens, fazer utilização de jogos que podem ser jogados em pequenos grupos, o professor pode realizar dinâmicas que envolvam toda a classe. Além disso, há inúmeros *sites* disponíveis com jogos eletrônicos para as mais diversas idades, assim como um vasto acervo de músicas e vídeos que podem ser levados para escola para auxiliar o professor na explicação dos conteúdos.

Segundo Lara, Locatelli e Quagliozzi (2014, p. 3), “a criança, por meio do universo lúdico pode promover seu crescimento a partir da convivência e interação com outras crianças, ocasionando vivências significativas para seu aprendizado e aquisição da segunda língua”. Dessa forma, é importante que o professor desenvolva atividades criativas e diferenciadas de acordo com cada conteúdo.

Cabe a ele planejar as aulas de acordo com aquilo que a escola oferece, criar ou mesmo adaptar metodologias novas que possam facilitar a compreensão do aluno em todas as habilidades linguísticas. É sobre metodologias e abordagens que falaremos a seguir.

4.5 Metodologia e abordagens

Existem variadas metodologias no ensino de uma LE. Nenhuma delas pode ser considerada a única correta ou indicada para uma determinada faixa etária. O que deve ocorrer, especialmente devido ao fato de termos turmas heterogêneas em sala de aula e, por isso, detentoras de diversos interesses e necessidades, é uma comunhão de diferentes metodologias para poder atingir a todos. Dentre as metodologias mais utilizadas no ensino de LE, vamos citar algumas a seguir.

4.5.1 O Método Direto

Este método já vêm sendo utilizado por professores de língua estrangeira há algum tempo e se tornou popular com o passar dos anos. Segundo Freeman (1986, p. 18),⁶ “o método direto apresenta uma regra básica: Nenhuma tradução é permitida”. Dessa forma, o professor deve conduzir a aula na língua-alvo da mesma forma que os alunos apenas devem se comunicar na LE.

Freeman (1986)⁷ ressalta que as aulas são iniciadas com a apresentação de textos ou mesmo diálogos na LE e cabe ao professor explicar o conteúdo, contextualizando o mesmo por meio de gestos, desenhos feitos no quadro branco ou figuras. Tudo isso para facilitar a compreensão dos alunos, já que a língua materna não deve ser usada.

A gramática deve ser trabalhada de maneira indutiva, o professor deve induzir o aluno a descobertas e não deve simplesmente explicitar tais regras.

Durante as aulas, os alunos devem fazer questionamentos, o professor precisa estimular a repetição de sentenças completas, chamando sempre a atenção dos alunos para a pronúncia correta das palavras, os estudantes devem se comunicar entre si para a prática da comunicação que é de extrema importância. Aliás, a repetição do conteúdo em estudo deve ser feita de diversas maneiras. Dessa forma, ajudará os aprendizes a fixar o vocabulário rapidamente e fazer com que eles fiquem inseridos no contexto da língua-alvo.

4.5.2 Método Audiolingual

As aulas normalmente iniciam com a apresentação de um determinado diálogo e, como no método anteriormente citado, apenas a língua-alvo deve ser usada, tanto pelos professores quando pelos alunos e podem ser utilizadas figuras, assim como a realização de gestos para facilitar a compreensão das palavras e sentenças desconhecidas pelos estudantes.

Esse método consiste basicamente na repetição. Conforme Freeman (1986),⁸ ao longo das aulas, o professor deve ser o condutor para que de diferentes maneiras a conversação seja repetida pelos alunos. Ele pode exigir que, em determinada sentença, apenas os meninos repitam linhas específicas do diálogo, após as meninas e então novamente todos da classe, isto é, antes de prosseguir a aula, os alunos devem repetir o diálogo diversas vezes até que haja a memorização do mesmo.

⁶ Tradução nossa.

⁷ Tradução nossa.

⁸ Tradução nossa.

Feito isso, o professor deve utilizar palavras novas, introduzindo dessa forma vocabulário novo. Além disso, ele pode mostrar as formas afirmativa, negativa e interrogativa das frases sempre repetindo inúmeras vezes a conversação. De acordo com Freeman (1986, p. 43),⁹ “os trabalhos de leitura e escrita são baseados a partir dos exercícios orais que eles fizeram anteriormente”.

Nesse método é importante que o professor corrija possíveis erros de pronúncia, da mesma forma que é importante mencionar acertos como forma de incentivar o aluno a praticar sempre mais a LE.

4.5.3 Suggestopedia

Este método é bastante diferenciado em relação aos demais, pois o professor deve se preocupar até mesmo com o ambiente onde dará suas aulas. Segundo Freeman (1986),¹⁰ a sala de aula não é comum como as demais, sendo que a luz é mais clara, as classes mais confortáveis e o professor pode até mesmo colocar músicas para descontrair o ambiente, pois ainda, conforme Freeman (1986, p. 77),¹¹ “o aprendizado é facilitado em um ambiente confortável e descontraído”.

Em volta da sala, são colocados cartazes com regras gramaticais da língua-alvo e os mesmos ficam expostos durante algumas semanas para facilitar o processo de assimilação dos conteúdos.

Os estudantes, até mesmo, devem ler os diálogos passados em aula antes de dormir e quando acordam, pois acredita-se que esses seriam os melhores períodos para estudar uma LE e assimilar a mesma.

Além disso, é permitido traduzir algumas palavras e sentenças da língua em estudo para a língua-mãe com o intuito de facilitar a compreensão, no entanto, no decorrer das aulas, as traduções devem ser cada vez menos utilizadas.

O professor não exige participação nas atividades, mas o ambiente diferenciado ajudará o aluno a romper o medo na hora de pronunciar palavras ou realizar determinadas leituras, encorajando-o para a prática. Além do mais, nesse método os erros são permitidos e não são corrigidos imediatamente, o professor durante as aulas, faz uso da forma correta para que o aluno em si perceba onde errou.

⁹ Tradução nossa.

¹⁰ Tradução nossa.

¹¹ Tradução nossa.

Utilizando a *Suggestopedia*, o docente quer romper todas as barreiras que impedem o aprendiz de aprender a língua-alvo. Para Freeman (1986),¹² os itens anteriormente citados, entre outros, facilitam o processo de aprendizado da LE de forma mais calma e sem pressões para que o aluno aprenda de forma natural no tempo dele.

4.5.4 Método da Resposta Física Total

Este método foi desenvolvido para ensinar o aprendiz de uma segunda língua praticamente da mesma forma como adquiriu a língua materna. Quem utiliza esse método, entende que a linguagem será desenvolvida a partir de observações e interações com falantes da língua-alvo. Freeman aponta que

[...] um bebê gasta muitos meses ouvindo o que as pessoas ao seu redor dizem, sem nunca ter ouvido qualquer palavra anteriormente. A criança tem tempo de tentar entender todos os sons que ela ouve. Ninguém fala para o bebê que ele tem obrigação de falar. A criança escolhe falar quando está pronta. (FREEMAN, 1986, p. 109).¹³

O professor será o condutor da aula, não é necessário que o aluno fale nos primeiros dias, ele apenas ouve os comandos e pratica a ação, assim como nos primeiros meses de vida. Quando ele estiver preparado e seguro, poderá falar expressões aprendidas durante as aulas.

Nesse método é permitido utilizar, mesmo que pouco, a língua materna, além de figuras para mostrar dúvidas e esclarecer as mesmas. O professor também não deve corrigir erros dos estudantes durante a prática da fala.

Freeman (1986, p. 115)¹⁴ ressalta “que o aprendizado da uma língua é mais eficaz quando esse processo é divertido”. Portanto, quem utiliza esse método acredita que é importante que os alunos gostem das experiências que são evidenciadas durante as aulas, tornando esse processo mais fácil e prazeroso, tanto pela parte do aluno quanto pela do professor.

4.5.5 Abordagem comunicativa

Quem utiliza esse método acredita que as estruturas e o vocabulário da língua-alvo são importantes para o aprendizado de uma LE. Porém, conforme aponta Freeman (1986, p. 123),¹⁵ “a preparação para a comunicação pode ser insuficiente se apenas esses fatores forem

¹² Tradução nossa.

¹³ Tradução nossa.

¹⁴ Tradução nossa.

¹⁵ Tradução nossa.

ensinados. Os alunos podem saber as regras da língua, mas não vão estar aptos para usar a língua”. Por isso, a prática da comunicação é extremamente importante nesse método.

No início da aula, o professor vai distribuir os alunos em grupos e entregar, por exemplo, histórias divididas em partes, nas quais, os alunos deverão prever a sequência sempre falando suas impressões para os demais integrantes do grupo. Freeman (1986)¹⁶ menciona que, desse modo, os estudantes têm a oportunidade de expressar suas ideias e opiniões, fazendo da aula uma prática comunicativa constante.

O professor, durante a atividade, deve passar de grupo em grupo, observando e dando conselhos para os alunos, lembrando que aqui os erros também são permitidos.

Nessa prática podem também ser utilizados jogos que utilizem a fala e devem ser abordados assuntos que chamem a atenção dos alunos, o professor é um facilitador e auxilia os mesmos, sempre lembrando que a comunicação na LE deve ocorrer o tempo todo em sala de aula.

Após conhecermos alguns métodos que vêm sendo utilizados nas aulas de língua estrangeira e que, em nosso ponto de vista, poderiam ser utilizados também para o ensino precoce, a partir do próximo capítulo, vamos mostrar um novo modelo de ensino, pouco conhecido no Brasil, e que achamos que seria o método ideal para o ensino de uma LE no período que corresponde à pré-escola.

Acreditamos que a utilização do mesmo poderia mudar o histórico dos alunos de LE, quando o assunto é o aprendizado da língua, sendo que muitos saem do ensino médio sem sequer dominar algumas sentenças da língua estrangeira, mesmo estando em contato direto com o idioma durante anos na escola.

A escolha e uso de métodos de ensino eficazes na infância, com certeza, são essenciais para alcançar sucesso no futuro, já que, conforme Martins (apud SANTOS, 2013, p. 8), o “aprendizado de uma segunda língua por crianças depende da experiência pela qual elas passam. Quanto mais ricas e significativas forem suas experiências de linguagem, mais elas estarão propensas a aprender”.

Seguindo na esteira de Santos, a experiência pela qual a criança passa no processo de aprendizagem é um divisor de águas na vida de uma pessoa, por isso investigaremos uma nova proposta de método de ensino de LE que é a aprendizagem integrada de línguas e conteúdos.

¹⁶ Tradução nossa.

5 BILINGUISMO PRECOCE PROPOSTO A PARTIR DE UMA NOVALENTE: MÉTODO DE APRENDIZAGEM INTEGRADA DE LÍNGUAS E CONTEÚDOS (CLIL)

Após termos observado alguns métodos e abordagens de ensino de língua estrangeira, no presente capítulo, vamos destacar um método inovador que vem sendo utilizado na Europa, já por décadas, mas que, aqui no Brasil, ainda não é assunto de destaque entre os professores de língua estrangeira. O método batizado em inglês com o nome CLIL, *Content and Language Integrated Learning*, corresponde em português a Aprendizagem Integrada de Línguas e Conteúdos e que, segundo Wielander (2013, p. 7),¹⁷ consiste na “utilização da língua como um mediador para a aprendizagem de conteúdo e o conteúdo é usado como um recurso para aprendizagem de línguas”. Isto é, não existe um foco principal no aprendizado de uma LE ou em um determinado conteúdo, mas ambos estão entrelaçados e seguem juntos no processo de ensino e aprendizagem.

Verdugo (2011, p. 14),¹⁸ após pesquisas em torno dessa técnica, afirmou que a mesma consiste “em um método pedagógico que envolve a utilização de uma ou mais línguas estrangeiras como veículo para ensinar determinados assuntos dentro do currículo”. Isto é, o CLIL é utilizado em aulas de Ciências, História, Geografia, Artes, entre outras disciplinas.

Ainda, segundo Verdugo (2011),¹⁹ no processo de ensino, tanto o professor quanto os alunos vão utilizar a língua estrangeira para a comunicação, escrita, entre outras habilidades linguísticas. Dessa forma, além de aprender o conteúdo específico de cada aula, os estudantes vão desenvolver a língua-alvo, pois diariamente a mesma será utilizada em sala de aula e de forma interdisciplinar.

Podemos pensar nesse método, como se o aluno, em algumas disciplinas específicas, aprendesse os conteúdos referentes a cada uma delas na língua inglesa, que em nosso caso é a língua em questão, sem a utilização da língua materna. É como se a sala de aula fosse transportada para algum país específico da língua-alvo e o estudante aprendesse tudo a partir da língua que é falada nesse país.

Uma característica importante do CLIL, é que o mesmo consiste em uma abordagem que possibilita o desenvolvimento de competências além de linguísticas, sociais, culturais, cognitivas, entre outras, facilitando a realização de exercícios de cada disciplina e obviamente facilitando ainda mais o processo de aprendizado da língua estrangeira.

¹⁷ Tradução nossa.

¹⁸ Tradução nossa.

¹⁹ Tradução nossa.

Sabemos que esse método ainda está longe de vigorar em nosso país, pois os professores de disciplinas que não são de língua inglesa ou espanhola, deveriam aprender uma língua estrangeira para que, dessa forma, pudessem estar capacitados a ensinar os conteúdos tanto na língua portuguesa como em uma língua estrangeira.

Uma hipótese para essa metodologia estar sendo utilizada há tanto tempo na Europa, pode estar relacionada ao fato de que alguns países apresentam mais de uma língua, o que não ocorre em nosso país.

Consideramos que essa abordagem de ensino talvez fosse o método que mudaria completamente o currículo das escolas no Brasil e contribuísse para melhorar o ensino tornando-o mais significativo e autêntico. Apesar de acharmos que a implantação desse método ainda esteja distante para se tornar realidade, vamos, em seguida, mostrar as razões pelas quais consideramos esse método eficaz no ensino de LE na infância, apresentando algumas características e outras formas de uso do CLIL que poderiam facilmente ser implantadas pelas escolas como um primeiro passo para essa mudança no cenário educacional ou ao menos como uma possibilidade de complementação aos métodos vigentes.

5.1 Como utilizar o CLIL na pré-escola

O método CLIL, como evidenciado anteriormente, deve ser utilizado em algumas disciplinas específicas em sala de aula, utilizando sempre uma LE. Contudo, sabemos que na pré-escola, assim como nos anos iniciais, as turmas não apresentam um professor específico para cada conteúdo, sendo que o professor titular, formado em Pedagogia, irá desenvolver todos os assuntos que são estipulados para cada nível. O que pode ocorrer em muitas escolas, é a presença de mais de um professor, sendo que os mesmos possam desenvolver aulas específicas e diferenciadas, como, por exemplo, um período para leitura de histórias, aula de informática, de teatro, língua inglesa, entre outras, auxiliando assim o professor regente.

Conforme menciona Verdugo (2011),²⁰ há diferentes tipos de variações referentes ao CLIL que podem ser evidenciadas em sala de aula. Essas variações vão depender das condições da escola, das necessidades educacionais e o foco que a referida escola quer seguir em relação ao ensino de determinado idioma.

As aulas, com a utilização do método no período pré-escolar, poderiam ter duração de quinze a trinta minutos, algumas vezes por semana, sendo que nesses encontros deveriam ser implantadas no currículo oficinas com a discussão de assuntos específicos que poderiam estar

²⁰ Tradução nossa.

relacionados a diversas temáticas importantes, como, por exemplo, assuntos relacionados ao meio ambiente, tecnologia, *design*, cidadania, entre outros. Imaginamos o quão importante esses estudos seriam para o desenvolvimento social e total da criança assim como para o desenvolvimento linguístico, se tais conteúdos fossem implantados pelas escolas com a utilização do CLIL.

O que também pode ser desenvolvido pelas escolas é a implantação de uma espécie de acampamento CLIL, isto é, o professor desenvolveria um lugar diferenciado, escolheria um assunto específico para ser trabalhado na LE. O mais interessante de tudo é que, segundo Verdugo, (2011, p. 16),²¹ “o programa de imersão do CLIL pode ser realizado totalmente com o uso total da LE ou parcialmente, na qual parte do conteúdo é explicado na língua-alvo e outra parte na língua materna”.

Essas adaptações, conforme conclui a autora, foram desenvolvidas justamente para o período pré-escolar e para os anos iniciais, sendo que é importante iniciarmos a imersão dos alunos nesse método naturalmente, sem muitas cobranças e exigências.

Além disso, ela ainda menciona sobre as formas alternativas que o método proporciona na aprendizagem, fato que pode reduzir a exclusão do aluno, sendo que as aulas resultam da comunicação, do interesse no conteúdo e da interação que ocorre dentro da sala de aula.

A exposição das crianças a vários pontos de vista vai auxiliar no desenvolvimento intelectual das mesmas, no desenvolvimento da sensibilidade e compreensão.

Vimos aqui algumas formas de utilização do CLIL que podem ser desenvolvidas nas escolas e certas vantagens que as crianças podem apresentar caso estejam imersas na prática desse método desde cedo. Vamos explorar, agora, o que os professores que utilizam esse método para o ensino precisam fazer e como devem agir em diferentes situações.

5.2 Atuação do professor utilizando o CLIL

Antes de o método poder ser implantado nas escolas, é preciso que haja apoio da gestão escolar, é necessário que a escola tenha materiais adequados para esse ensino e principalmente que encontre professores capacitados para esse processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Georgiou e (2011),²² o professor que é sujeito a essa prática de ensino, deve ter suporte na escola, debatendo constantemente sobre as aulas, discutindo preocupações em

²¹ Tradução nossa.

²² Tradução nossa.

muitas áreas que podem ser novas para ele, além de ter espaço para falar sobre as frustrações e cansaço. Conforme o autor, o CLIL exige bastante de quem utiliza essa prática para o ensino.

Seria interessante a formação de grupos de professores que pudessem conversar sobre as aulas e como os alunos vêm aderindo a essa prática. Para Georgiou (2011, p. 36),²³ esses grupos “são vitais para sustentar o entusiasmo, mantendo o apoio, aliviando o estresse da preparação geral bem como as preocupações naturais que vêm com a implementação de uma inovação.” Muitas vezes, pode ter apenas um professor que ensina nas turmas da escola com base nesse método, então esses grupos podem ser realizados em um ambiente fora da escola, com professores de outras instituições, o que torna as reuniões muito mais interessantes, pois todos vão apresentar vivências diferentes e métodos diversos também utilizados.

Outro fator que pode auxiliar e até mesmo facilitar a imersão dos conteúdos pelo CLIL, conforme Georgiou (2011),²⁴ é a possibilidade do professor utilizar a tecnologia em sala de aula, sendo que a mesma auxilia na expansão das redes de apoio, pode ajudar a solucionar possíveis dúvidas em relação a palavras ou sentenças na língua estrangeira, além de possibilitar uma gama de materiais diferenciados sobre os mais diversos assuntos, assim como, recursos visuais que podem auxiliar o professor na sala.

Ainda segundo o autor, é importante que o professor tenha um bom relacionamento com os pais, uma vez que esses podem apresentar dúvidas sobre como e de que forma o CLIL traz benefícios ou problemas no desenvolvimento de seus filhos. Então, se torna necessário que no início do ano letivo, os pais sejam informados sobre como funciona esse método e devem ser apresentadas as respectivas vantagens, seja por meio de folhetos explicativos ou pela realização de reunião com o professor que explique como ocorrem as aulas.

5.3 Inserção de alunos no método

O CLIL, como já dito anteriormente, é um método inovador que vai inserir o aluno que nunca aprendeu por essa metodologia em um ambiente completamente novo e que pode causar estranheza por parte do estudante, principalmente nos anos iniciais da escolarização. Para Georgiou,

[...] os alunos precisam entender por que de repente eles estão aprendendo um novo idioma. Isso é imprescindível se o CLIL é apresentado a alunos mais velhos que já tiverem experiência de quatro ou cinco anos de escolaridade formal na sua língua-mãe. É evidente que é mais fácil de aprender na sua língua materna em vez de ter o

²³ Tradução nossa.

²⁴ Tradução nossa.

desafio adicional de aprendizagem utilizando um meio que também é novo. (GEORGIU, 2011, p. 43.).²⁵

O professor deve mostrar a importância da utilização desse método de acordo com a faixa etária de cada turma. No caso de estudantes mais velhos, pode haver um conversa franca que evidencie os benefícios e deve ter um espaço para que os alunos demonstrem suas opiniões e questionamentos perante o método. Cabe ao professor tentar mostrar a importância de aprender uma LE nos dias atuais, elevando os benefícios que o CLIL traz na vida desses alunos.

Essas discussões não podem acontecer da mesma forma com os alunos mais novos, mas sim, o professor deve encontrar um jeito de mostrar com outras palavras e com o uso de materiais que chamem a atenção desse aluno sobre a importância do método.

Afirma Georgiou (2011)²⁶ que os alunos devem ter apoio do professor e as primeiras impressões do método devem ser de preferência boas. Então, cabe ao docente desenvolver um ambiente confortável que faça com que os alunos se sintam seguros para que sejam evitadas frustrações. Sabemos que as primeiras aulas, principalmente dos alunos novos nessa prática, serão difíceis até que os estudantes se habituem e possam melhorar a cada dia.

O autor chama a atenção para a criação de um ambiente descontraído, pois principalmente as crianças precisam se sentir seguras. No primeiro dia de aula, é preciso que o professor mostre como vão ser as aulas e cite que o aluno pode utilizar a língua-mãe num primeiro momento. A classe pode combinar determinado sinal que aponte que o aluno possui dúvidas e as mesmas devem ser esclarecidas.

Nas primeiras aulas, devem ser apresentadas expressões simples. Para Georgiou (2011, p. 46),²⁷ “a confiança da criança pode ser construída por meio de uma introdução gradual e aumento da língua estrangeira”. Dessa forma, nas primeiras aulas a língua-mãe pode ser bastante utilizada e no decorrer do processo cada vez mais a criança vai adquirindo vocabulário na língua em estudo. Quanto melhor ela fica na LE, mais segura ela estará para desenvolver outras habilidades referentes ao aprendizado dessa língua.

Além disso, o professor pode utilizar jogos para rever conteúdos de maneira divertida de que qualquer criança gosta. O desenvolvimento de atividades que envolvam desenhos, atividades dinâmicas, como, por exemplo, brincadeiras, facilitam ainda mais o processo.

Durante as aulas, deve haver um espaço para que os alunos tenham a oportunidade de se expressar, mostrar o que compreendem e fazer questionamentos. O professor pode fazer um mural, onde os alunos podem fazer registros sobre as coisas de que eles gostam ou não durante

²⁵ Tradução nossa.

²⁶ Tradução nossa.

²⁷ Tradução nossa.

as aulas. Esse processo estimula os alunos a opinar e, mesmo sem perceber, a praticar a língua-alvo. Isso possibilita ao professor reconhecer através das respostas quais as dificuldades que os alunos estão enfrentando, sendo que provavelmente as suas dificuldades vão ser relacionadas a um conteúdo sobre o qual os mesmos não apresentam domínio ou possuem dúvidas que não foram esclarecidas por diversas razões.

Quando o aluno estiver habituado à língua estrangeira, a mesma deve ser utilizada com maior frequência. O autor sugere que regras devem ser estipuladas pelo professor quanto ao uso da língua e as mesmas devem ser seguidas, além de apresentar estratégias para facilitar esse processo de aprendizado na LE.

Ao longo dos dias, o professor deve começar a introduzir exigências que antes não eram observadas. Uma delas se refere à pronúncia das palavras, é de extrema importância serem ditas da forma correta na língua estrangeira. Segundo Kiely, o foco na pronúncia correta das palavras proporciona uma série de fatores positivos, sendo que

[...] em primeiro lugar, estabelecem confiança de modo que cada vez mais os alunos participem de atividades e lições. Segundo, aumenta a probabilidade de as crianças compreenderem uns aos outros e se habituarem à escuta da fala de outros alunos. Terceiro, explicita a atenção à precisão na pronúncia estabelecendo uma compreensão dos padrões de pronúncia em L2. (KIELY, 2011, p. 63).²⁸

Quando os estudantes atingirem esse nível, sabendo que esse processo pode levar muito tempo, as aulas poderão ser quase que totalmente realizadas na LE, sendo que a língua materna deve sempre ser utilizada para deixar claros certos conteúdos ou mesmo para esclarecimento de dúvidas.

Concluimos que o professor precisa realizar um trabalho que exige uma série de fatores que levam os alunos a alcançarem o sucesso. No início da imersão, não será fácil convencer os alunos sobre a importância da utilização do método, principalmente para as crianças, mas com o passar do tempo, o bom professor conseguirá desenvolver estratégias de ensino que ajudem o aluno a superar as dificuldades no aprendizado da segunda língua.

Além do professor, a escola, assim como os pais em casa, devem apoiar os alunos e incentivarem a prática. Esse método é rico em descobertas e, após superadas as dificuldades e receios, os alunos vão dominar a LE em diversos sentidos, além de, dependendo de quais matérias serão ensinadas pelo CLIL, os estudantes poderão ter uma visão mais ampla do mundo e poderão ser capazes de expressar opiniões dos mais variados pontos de vista.

²⁸ Tradução nossa.

O entendimento do processo de ensino-aprendizagem de uma LE subjacente ao método CLIL é muito rico e mesmo que haja a impossibilidade de uma implantação total desse método pelos motivos já mencionados, em se tratando de Brasil, essa é uma proposta de adaptação de atividades possíveis, bem como a de complementação de métodos.

5.4 Estratégias de ensino no método CLIL

Certamente os professores que desenvolverem atividades desafiadoras que despertem o interesse do aluno e o motivem a realizá-las, serão os que vão ter mais sucesso no ensino de uma língua estrangeira pelo método CLIL, sendo que a compreensão e compromisso com os conteúdos são muito importantes nessa metodologia. Para Massler et al (2011, p. 67),²⁹ os professores “precisam encontrar métodos os quais possibilitem que seus alunos participem ativamente das atividades e de forma significativa, apesar de os mesmos terem eventuais limitações na competência linguística naquele período”.

Os professores, segundo os mesmos autores, devem utilizar gestos, expressões faciais seguidos pelas explicações dos conteúdos, pois as crianças, para melhor assimilarem a língua, precisam de exemplos concretos, necessitam, além da fala, ver o que está sendo ensinado.

É preciso, também, fazer uso da tradução durante as aulas, no caso de pequenas sentenças ou palavras, somente quando necessário. No entanto, o professor deve tomar cuidado para não utilizar a chamada “tradução sanduíche” que utiliza a língua materna como auxílio para tradução da língua estrangeira, pois utilizando constantemente ambas as línguas, o aluno pode acabar se confundindo e isso pode impedir o mesmo de desenvolver a LE.

É necessário que o professor mostre palavras-chave para entender o restante da sentença, faça murais com palavras isoladas e imagens que facilitem a compreensão. Essa técnica é muito utilizada até mesmo pelos professores da língua materna e de outras disciplinas do currículo, pois o aluno, em contato visual diariamente com o mural, assimila mais rápido o conteúdo.

No início do aprendizado de uma LE, é comum que ocorram erros, tanto na pronúncia das palavras quanto na forma correta da estrutura gramatical. Segundo Massler et al (2011), essa correção deve ser feita de maneira amigável, através de técnicas específicas para correção desse erros.

Segundo os autores, uma das técnicas que devem ser utilizadas nesses casos, seria o professor, após ouvir determinado erro do aluno, corrigir repetindo da forma correta o que foi

²⁹ Tradução nossa.

dito anteriormente ou fazer questionamentos para que, sem querer, o aluno se autocorrija e evite cometê-lo novamente.

Podem, também, ocorrer casos em que os alunos entenderam o conteúdo, porém apresentam dificuldades para se expressar. Dessa forma, uma tática que pode ser utilizada pelo professor é a utilização de materiais que auxiliam os alunos na hora de se expressarem, por exemplo, utilizações simbólicas como mapas, desenhos que vão sendo mostrados para que o aluno relembra alguma expressão e consiga desenvolver o seu raciocínio.

Uma técnica que pode ser utilizada para facilitar a introdução de um determinado conteúdo novo, de acordo ainda com Massler et al (2011, p. 80),³⁰ seria que no início de uma dada atividade “o professor fizesse conexões com o conhecimento que o aluno já possui do conteúdo. Dessa forma, o professor que utiliza o CLIL faz um link do conhecido com o desconhecido”. Isto é, antes de introduzir um tópico novo, o docente questiona o que os alunos já sabem e os instiga a falar sobre isso, para que depois ele aprofunde o assunto em estudo e mostre muito mais sobre ele para todos da classe.

Um processo importante para avançar nos conteúdos é constantemente fazer a revisão do que foi ensinado anteriormente. Dessa forma, os autores citam que o professor pode confeccionar notas adesivas com dúvidas ou impressões de determinado assunto pelos alunos, e tais notas podem ser visualizadas durante as aulas para revisão ou para serem acrescentados dados novos que vão sendo aprendidos no decorrer das aulas.

Outra estratégia interessante é a criação de uma tabela dividida em três partes, sendo que na primeira deve constar o que os alunos já sabem sobre o assunto, na segunda o que eles querem aprender e na terceira o que eles aprenderam sobre determinado assunto.

Essa tática pode ser utilizada no período pré-escolar com desenhos e o professor pode anotar para si o que foi dito pelos alunos. Após o término da explicação de cada assunto, o professor poderia fazer uma roda de conversação, mostrando o crescimento que foi alcançado por eles durante o período de aprendizagem do referido conteúdo, antes de iniciar outro.

Antes de planejar uma aula específica, é importante conhecer a turma, os alunos e pensar em quais materiais podem ser utilizados para a prática. Conforme Steiert e Massler (2011, p. 109),³¹ “os alunos podem ser muito diferentes no que diz respeito aos seus conteúdos de língua estrangeira e níveis de aprendizagem. Além disso, os alunos têm diferentes maneiras de alcançarem a aprendizagem e os seus interesses divergem consideravelmente”.

³⁰ Tradução nossa.

³¹ Tradução nossa.

Estas estratégias devem ser utilizadas durante as aulas, pois é importante que o professor faça com que o aluno tenha curiosidade, entenda o motivo pelo qual ele está sendo exposto a esse método de ensino e que, dessa forma, cada vez mais ele desperte o interesse pela língua e evolua no aprendizado da mesma.

Após apresentarmos a proposta do método CLIL para o ensino de LE para crianças, e mostrarmos, a partir de revisão de literatura, como e de qual maneira os alunos devem ser inseridos em um contexto de ensino que utilize o mesmo, finalizamos este capítulo acreditando que tal metodologia de ensino seria ideal para que de fato o bilinguismo seja alcançado em idade precoce e para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma mais concreta e integrada, fazendo mais sentido para o aluno.

6 CONCLUSÃO

Partindo das ideias centrais da presente monografia, sabemos que a partir da revisão de literatura, a criança em idade precoce, em contato direto com duas línguas, não terá impactos negativos e, sim, positivos que podem ajudar no seu desenvolvimento cognitivo, social e linguístico.

E após mostrarmos o método CLIL com fatores culturais, sociais, entre outros que o integram, não temos como negar que esse método se torna essencial, além de ser um processo rico de aprendizagem em diversos outros sentidos.

Atualmente, não podemos nos considerar satisfeitos com o ensino de uma língua estrangeira na forma que é feito na maioria das escolas brasileiras em que muitos jovens concluem o ensino médio sem dominarem nem mesmo sentenças simples empregadas em uma LE. Para mudarmos esse cenário, enxergamos como possibilidade que as escolas possam contar com professores capacitados para ensinarem uma língua estrangeira desde a pré-escola, pois esse é um período que pode trazer facilidades no aprendizado dessa língua e muitas outras vantagens.

Acreditamos que o CLIL, ou ao menos uma tentativa de adaptação a partir dele, possa ser o método capaz de contribuir muito para mudar essa situação, e como ele vem sendo trabalhado e discutido há pouco tempo no Brasil, ainda temos esperança que no futuro ele possa ser implantado nas escolas já no período que corresponde a pré-escola, pois os inúmeros benefícios que ele proporciona no aprendizado merecem ser evidenciados pelos estudantes.

Evidenciamos também que estimular a criança no processo de ensino-aprendizagem, principalmente no período que corresponde à pré-escola, é extremamente importante para desenvolver a motivação necessária para que a mesma foque no aprendizado de uma língua estrangeira.

Além do CLIL, apresentamos outros métodos que já vêm sendo utilizados há algum tempo e que podem auxiliar o professor no desenvolvimento das aulas de acordo com o nível e características de cada turma. Como vimos, é importante que o professor seja o mais criativo possível na elaboração das atividades na educação infantil e que ele entenda que não só um método possa ser utilizado, mas, sim, uma junção de vários deles.

Todos esses fatores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem apresentam um único e importante objetivo, que nada mais é do que alcançar o bilinguismo.

Primeiramente, para chegarmos à conclusão do que de fato é preciso para considerar alguém como bilíngue, elaboramos um questionário para estudantes de uma língua estrangeira exporem suas impressões em torno do assunto.

A referida enquete foi de muita importância na elaboração da presente pesquisa. A partir dela pudemos concluir que o termo, assim como é dito na literatura, não apresenta um conceito exato, pois há inúmeras conceituações que hoje em dia já podem ser consideradas ultrapassadas.

Através das observações, buscamos um conceito que, no nosso ponto de vista, pode ser considerado o mais coerente em relação ao termo, conceito esse que indica que o sujeito deve conhecer e utilizar a LE, não sendo necessário apresentar fluência em ambas as línguas.

Com entusiasmo encerramos este trabalho de pesquisa, pois concluímos que o bilinguismo pode ser alcançado, se trabalhado de maneira adequada em sala de aula desde a infância, e que isso proporciona impactos tão positivos em diversos sentidos no desenvolvimento da criança, que os pais deveriam proporcionar a imersão de seus filhos em escolas que apresentam uma língua estrangeira no currículo.

Vamos também torcer para que, em um futuro próximo, as escolas públicas possam, da mesma forma que as privadas, ter a oportunidade de expor os alunos a aulas de LE no momento que os mesmos iniciem a vida escolar. Pois, sim, o aprendizado de uma língua estrangeira é muito importante na formação social, cultural e intelectual da criança e cada dia mais valorizado.

7 REFERÊNCIAS

BARCELOS, Fernanda Gerhardt de. *Reflexões sobre o ensino de inglês na educação infantil*. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29196/000776232.pdf?sequen>. Acesso em: 29 abr. 2016.

BIDERMAN, Maria Tereza. *Dicionário contemporâneo de português*. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

BILINGUISTO In: *Portal da língua portuguesa*. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=402>. Acesso em: 13 abr. 2016.

BILINGUISTO In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bilinguismo>. Acesso em: 13 abr. 2016.

BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2002.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário escolar Domingos Paschoal Cegalla*. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba, PR: Positivo, 2004.

FLEMING, LaTerra Wilson; YOUNGER, Dylinda Wilson. *Positive classroom environments = positive academic results*. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED536465.pdf>. Acesso em: 30 maio 2016.

FLORY, Elizabete V.; SOUZA, Maria Thereza C. C. de. *Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações*. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/3488-7969-2-PB.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.

_____. *Influências do Bilinguismo Precoce sobre o desenvolvimento infantil: uma leitura a partir da teoria de equilíbrio de Jean Piaget*. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/FloryDoutorado%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/FloryDoutorado%20(1).pdf). Acesso em: 10 abr. 2016.

FREEMAN, Diane Larsen. *Techniques and principles in Language Teaching*. Oxford: Oxford American English, 1986.

FRIZZO, Celina Eliane. *O processo de aquisição e aprendizagem de línguas e o bilinguismo*. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2170/TCC%20Final%20Celina%20Eliane%20Frizzo.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 abr. 2016.

GEORGIU, Sophie Loannou. Transition into CLIL: Guidelines for the beginning stages of CLIL. In: _____. *Guidelines for CLIL implementation in primary and pre-primary education*. [S. l.]: Socrates, 2011. p. 34-54.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. *Metodologias do ensino de língua portuguesa*. Curitiba, PR: IBPEX Dialógica, 2011.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini; BORUCHOVITCH, Evely. *O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n2/22466.pdf>. Acesso em: 30 maio 2016.

HANNAH, Ryan. *The effect of classroom environment on student learning*. Disponível em: http://scholarworks.wmich.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3380&context=honors_theses. Acesso em: 10 jun. 2016.

HIRSCH, Katiele Naiara. *O impacto da aquisição precoce de L2 no desenvolvimento cognitivo da criança*. Santa Cruz do Sul, 2011. Monografia (Graduação), Departamento de Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, 2011.

HODGES, Luciana Vasconcelos dos Santos Dantas; NOBRE, Alena Pimentel Mello Cabral. *A relação bilinguismo-cognição no processo de alfabetização e letramento*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v15n3/v15n3a15.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2016.

KIELY, Richard. The role of L1 in the CLIL classroom. In: _____. *Guidelines for CLIL implementation in primary and pre-primary education*. [S. l.]: Socrates, 2011. p. 55-65.

LARA, Geovana Cavalinni; LOCATEL, João Victor Marchiori; QUAGLIOZ, Ana Carla Tavares. *A arte de ensinar inglês: o lúdico no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem*. Disponível em: <http://enalic2014.com.br/anais/anexos/3964.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2016.

LEFFA, Vilson J. (Org.). *O professor de línguas estrangeiras construindo a profissão*. 2. ed. Pelotas, RS: Educat, 2008.

LIMA, Ana Paula de. *Ensino de língua estrangeira para crianças: o papel do professor*. Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/48/41>. Acesso em: 29 maio 2016.

LIMBERGER, Bernardo Kolling; BUCHWEITZ, Augusto. *Estudos sobre a relação entre bilinguismo e cognição: o controle inibitório e a memória de trabalho*. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/12253/8833>. Acesso em: 10 mar. 2016.

LOPES, Sheila Aragão Gonçalves. *A análise do ensino-aprendizagem de língua estrangeira-uma experiência do bilinguismo na educação infantil de 0-5 anos*. Disponível em: <http://www.unaerp.br/sici-unaerp/edicoes-anteriores/2006/secao-1-2/940-a-analise-do-ensino-aprendizagem-de-lingua-estrangeira-uma-experiencia-do-bilingueismo-na-educacao/file>. Acesso em: 11 abr. 2016.

MARTINELLI, Selma de C.; BARTHOLOMEU, Daniel. *Escala de motivação acadêmica: uma medida de motivação extrínseca e intrínseca*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v6n1/v6n1a04.pdf>. Acesso em: 30 maio 2016.

MASSLER, Ute et. al. Effective CLIL teaching techniques. In: _____. *Guidelines for CLIL implementation in primary and pre-primary education*. [S. l.]: Socrates, 2011. p. 66-97.

MEGALE, Antonieta Heyden. Bilinguismo e educação bilíngue-discutindo conceitos. *Revel*. V. 3, n. 5, p. 1-13, ago. 2005. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_5_bilinguismo_e_educacao_bilingue.pdf. Acesso em: 14 abr. 2016.

MOURA, Selma de Assis. *Com quantas línguas se faz um país?* Concepções e práticas de ensino em uma sala de aula na educação bilíngue. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/teses_online/Selma_Assis_Moura.pdf. Acesso em: 13 mar. 2016.

PASSOS, Mayara. *O ensino da segunda língua na educação infantil: um estudo bibliográfico*. Disponível em: file:///C:/Users/Cliente/Downloads/PassosMayara_TCC.pdf. Acesso em: 20 maio 2016.

PERINE, Cristiane Manzan. *Motivação docente: o professor de inglês na escola pública*. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistaideias/arquivos%20pdf%20revista%2027/motivacao%20docente%20o%20professor%20de%20ingles.pdf>. Acesso em: 28 maio 2016.

PHILLIPS, Mark. *A place for learning: the physical environment of classrooms*. Disponível em: <http://www.edutopia.org/blog/the-physical-environment-of-classrooms-mark-phillips>. Acesso em: 30 maio 2016.

RAMOS, Rogério de Araújo (Ed.). *Dicionário didático de língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2012.

RICARDO, José. *Como ensinar e aprender inglês e outras línguas estrangeiras*. Blumenau, SC: FURB, 1988.

RICHTER, Marcos Gustavo. *Ensino de Português e interatividade*. Santa Maria: UFSM, 2000.

SANTOS, Thaís Cristine dos. *A aquisição de uma segunda língua por crianças na educação infantil bilíngue*. Disponível em: http://www.dfe.uem.br/TCC-2013/Trabalhos2013/THAIS_CRISTINE_SANTOS.pdf. Acesso em: 20 maio 2016.

SILVEIRA, Nunes da; SOUZA, Adella Cardoso de. *Bilinguismo precoce: a inserção de uma segunda língua no cotidiano escolar infantil*. Disponível em: <http://enalic2014.com.br/anais/anexos/7870.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2016.

SPADA, Nina. *Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Estrangeira-uma entrevista com Nina Spada*. *Revel*. Vol. 2, n. 2, p. 1-6, 2004. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_2_entrevista_nina_spada.pdf. Acesso em: 10 abr. 2016.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. *Contingentia*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 1-8, nov. 2006. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/3837/2144>. Acesso em: 10 abr. 2016.

STEIERT, Claudia; MASSLER, Ute. Effective CLIL teaching techniques. In _____. *Guidelines for CLIL implementation in primary and pre-primary education*. [S.l.]: Socrates, 2011. p. 98-113.

VERDUGO, Maria Dolores Ramirez. CLIL varieties across Europe. In: GEORGIU, Sophie Loannou; PAVLOU, Pavlos (Orgs.). *Guidelines for CLIL implementation in primary and pre-primary education*. [S.l.]: Socrates, 2011. p. 13-20.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad. Mônica Stahel M. da Silva. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WIELANDER, Elisabeth. *Something to talk about: Integrating content and language study in higher education*. Disponível em: http://www.unifg.it/sites/default/files/allegatiparagrafo/22-01-2014/wielander_what_is_clil-clil_at_aston_university.pdf. Acesso em: 10 jun. 2016.

ZIMMER, Márcia C.; FINGER, Ingrid; SCHERER, Lilian. Do bilinguismo ao multilinguismo: intersecções entre a psicolinguística e a neolinguística. *Revel*. Vol. 6, n. 11, p. 1-28, ago. 2008. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_11_do_bilinguismo_ao_multilinguismo.pdf. Acesso em: 20 abr. 2016.

ANEXO A – Modelo formulário enquete**Curso:** _____**Semestre:** _____**Atua como professor? () Sim () Não****Se a resposta anterior for sim, para quais séries?**

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

ANEXO B – Respostas dos alunos de português e inglês

Curso: Letras Português / InglêsSemestre: 4ºAtua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

PIBID

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim, pois consigo me expressar e compreender as duas línguas.Curso: Letras Português / InglêsSemestre: 1º semestreAtua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim, falo português, alemão no cotidiano e aprendendo inglêsCurso: Letras português inglêsSemestre: 5Atua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

6º como PIBID

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

De certo modo sim, pois atuando como professora de inglês eu tenho contato com uma segunda língua estudando e dando aula.

Curso: Português / Inglês
Semestre: 5º

Atua como professor? () Sim () Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Atua como professor em cursos de idiomas

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Me considero bilíngue, por ter um amplo conhecimento na segunda língua (INGLÊS), estudo esse idioma desde o ano de 2005, portanto possui grande conhecimento de vocabulário e gramática.

Curso: Português / Inglês
Semestre: 5º

Atua como professor? () Sim () Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Quinto e sexto ano

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim, pois consigo entender, escrever e me expressar em inglês.

Curso: Português / Inglês
Semestre: 4º

Atua como professor? () Sim () Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim, pois compreendo a fala inglesa e conheço o vocabulário.

Curso: Letras Português/Inglês

Semestre: 9º

Atua como professor? () Sim (x) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

São exatamente. Embora me comunique na língua inglesa, não é com a mesma fluência de que na língua materna.

Curso: LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

Semestre: TERCEIRO

Atua como professor? () Sim (x) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

MAIS OU MENOS, POIS ENTENDO RELATIVAMENTE BEM O INGLÊS, MAS NÃO FALO MUITO BEM.

Curso: LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

Semestre: 3º

Atua como professor? (x) Sim () Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

6º ANO, ENSINO MÉDIO

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

SIM, POIS CONSIGO ME COMUNICAR EM MAIS DE UMA LÍNGUA.

Curso: Letras - Português - Inglês

Semestre: 5^o

Atua como professor? Sim () Não PIBID?

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

5^o ano e 9^o ano: introduzindo o inglês

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sou bilíngue em desenvolvimento, em nível intermediário, pois ainda não sou capaz das quatro habilidades necessárias para ser bilíngue completa.

Curso: Letras Português - Inglês

Semestre: 4^o

Atua como professor? Sim () Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Geralmente com turmas que estão entre o 3^o e o 8^o ano (PIBID)

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim, me considero, embora, não seja fluente na língua inglesa, possuo um entendimento intermediário e consigo me comunicar com os demais falantes deste idioma.

Curso: Letras Português / Inglês

Semestre: 6^o

Atua como professor? Sim () Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

6^o, 7^o, 8^o e 9^o anos do Fundamental.

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Se por bilinguismo estiver compreendida a habilidade de comunicar em dois idiomas, a resposta seria sim. Porém, não vejo que um real bilinguismo exista, visto que um segundo idioma nunca terá a mesma naturalidade que a 1^a.

Curso: Letras Português Inglês
 Semestre: III

Atua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Anos iniciais

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não. Pois, não tenho domínio ainda sobre a língua inglesa.

Curso: Letras: Português - Inglês

Semestre: 3º Sem.

Atua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não

Curso: Letras Português/Inglês
 Semestre: 5º

Atua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não - Falo somente a língua portuguesa (brasileira).
 Formal e a informal (dialeto conforme contexto).

Curso: Letras - Português / Inglês

Semestre: 4º

Atua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

5º ano (PIBID)

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não

Curso: _____

Semestre: 3º semestre

Letras - Português / Inglês

Atua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não, porque não tenho domínio ainda de minha segunda língua, além do português.

Curso: Letras Português / Inglês

Semestre: 8º

Atua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não. Apesar de estar aprendendo Inglês a vários semestres não falo fluente.

Curso: Letras Português / Inglês

Semestre: 5º

Atua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

como bibliotecária apenas, na 5ª e 4ª série.

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não. Porque ainda não tenho uma proficiência. E o listening ainda não está bom.

Curso: Letras Portugues Inês

Semestre: 5º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Ainda não, ~~in~~ faltam alguns entendimentos de fala e escrita.

Curso: Português/ Inglês

Semestre: 5º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não, estou em fase de aprendizagem

Curso: Letras Portugues Inglês

Semestre: 3º semestre

Atua como professor? (X) Sim () Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

De 1º à 5º ano.

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não pois tenho muitas dificuldades na compreensão do inglês no dia a dia.

Curso: Letras Português/Inglês

Semestre: 3º semestre

Atua como professor? () Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não, porque para ser bilíngue é necessário o domínio da língua estrangeira e para ter fluência em um idioma é preciso concluir todas as etapas do aprendizado.

Curso: Letras - Português / Inglês

Semestre: 5º

Atua como professor? () Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não me considero bilíngue ainda porque preciso de mais contato com a língua estrangeira.

Curso: Letras Português/Inglês

Semestre: 6º

Atua como professor? Sim () Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Educação infantil, 5º e 6º anos

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não. Pois não tenho tanto conhecimento quanto necessário para ser, como julgo necessário para ser bilíngue.

Curso: LETRAS/PORTUGUÊS/INGLÊS

Semestre: 1º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Me consideraria se tivesse o domínio do segundo idioma (inglês). O que preciso aperfeiçoar.

Curso: Letras português e inglês

Semestre: 2º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não, preciso melhorar a língua inglesa.

ANEXO C – Respostas dos alunos de outros cursos

Curso: MedicinaSemestre: 2º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim, me considero! Eu consigo entender e me expressar em inglês, obviamente tem palavras que esqueço, às vezes que às vezes não entendo e que prejudicam uma comunicação adequada, porém, tenho esse problema até na língua materna.

Curso: AdministraçãoSemestre: 8º semestre

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não, acredito que preciso aprimorar meu inglês, e às vezes tenho alguns desconfortos até na minha ~~língua~~ língua mãe, português.

BOA SORTE NO TRABALHO !!

Curso: Biologia - BacharelSemestre: 7º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não, pois ainda não sei me comunicar com outra pessoa em inglês

Curso: ENGENHARIA CIVIL

Semestre: 6º

Atua como professor? () Sim (x) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

SIM, POR APESAR DE NÃO TER CONHECIMENTO AVANÇADO EM INGLÊS, NÃO TENHO DIFICULDADES PARA ENTENDER E ME COMUNICAR ATRAVÉS DO IDIOMA.

Curso: ENGENHARIA CIVIL

Semestre: 9º SEMPRE

Atua como professor? () Sim (x) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

NÃO, AINDA NÃO DOMINO NENHUMA OUTRA LÍNGUA ALÉM DO PORTUGUÊS.

Curso: Administração

Semestre: Graduado

Atua como professor? () Sim (x) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

NÃO, PARA SER BILÍNGUE PRECISO DE BEM MAIS PRÁTICA.

Curso: Biologia - bacharelado

Semestre: 9º

Atua como professor? () Sim (x) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

NÃO, ENTENDO BEM APENAS O PORTUGUÊS.

Curso: Engenharia Civil

Semestre: 10º Sem

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Não.

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não. Porque não falo fluentemente outra língua senão a portuguesa

Curso: ENGENHARIA AMBIENTAL

Semestre: 10º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

NÃO. NÃO POSSUO DOMÍNIO DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA.

Curso: ENGENHARIA ELÉTRICA

Semestre: 7

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

NÃO: PELO FATO DE NÃO TER A FALA / ESCRITA FLUENTE EM OUTRA LÍNGUA.

Curso: Engenharia Civil

Semestre: 6º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não. Nunca fiz curso

Curso: ENG. PRODUÇÃO

Semestre: 10º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

NÃO, CONHEÇO ALGUMAS EXPRESSÕES

Curso: Relações Internacionais

Semestre: 8º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Vindo não, apesar de cursar inglês e 3 anos, não me sinto bilíngue.

Curso: FisioterapiaSemestre: 8º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não, pois gosto apenas de português, e acredito que cada pessoa nasce para gostar de uma área e eu gosto de FISIOTERAPIA, de outra língua não digo que não gosto, apenas me dedico ao que realmente faz diferença para "minha" vida.

Curso: ENG. MECÂNICASemestre: 02

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

NÃO. POSSUO UM CONHECIMENTO SUPERFICIAL e BÁSICO DE OUTRA LÍNGUA (INGLÊS) INICIEI POR 3 VÉZES A ESTUDAR (INGLÊS) e NÃO DEI SEQUÊNCIA.

Curso: Secretariado ExecutivoSemestre: 5º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não.

Curso: AdministraçãoSemestre: 8º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não.

Curso: ENGENHARIA AMBIENTAL
 Semestre: FORMANDO (13º SEMESTRE)

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

NÃO. MUITO POUCO CONTATOS EM OUTRA LÍNGUA

Curso: SECRETARIA EXECUTIVA
 Semestre: 7º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

NÃO. POR AINDA ESTAR NO INÍCIO DOS COCURSOS
 DE LÍNGUA DO CURSO DE SECRETARIA, ENTÃO
 AINDA NÃO ESTOU SENDO CONSIDERADA BILÍNGUE.

Curso: ADMINISTRAÇÃO
 Semestre: 8º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

AINDA NÃO, MAS PARTICIPANDO COM A REALIZAÇÃO DE UM INTERCÂMBIO DE
 DURAR DE 06.

ANEXO D – Respostas dos alunos de letras inglês

Curso: Letras InglêsSemestre: 5ºAtua como professor? Sim () Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

5º e 6º anos

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não considero-me bilíngue pois não domino todas as habilidades de língua (ler, ouvir, falar e escrever). Desempenho-as em parte!Curso: Letras | InglêsSemestre: 7º SemestreNome = marilene poelkelAtua como professor? () Sim () Não †

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Proibido, mas não dá pra dizer que sou professora

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não, porque meu vocabulário é reduzido e não pratico o inglês diariamente.Curso: LETRAS INGLÊSSemestre: 6º SEMESTREAtua como professor? Sim () Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

3º ANO DO 2º GRAU

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

NÃO. TENHO CONHECIMENTO EM INGLÊS, MAS NÃO TANTO PARA ME CONSIDERAR BIÚNGUE.Curso: LETRAS INGLÊSSemestre: 7º SEMESTREAtua como professor? () Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não, porque eu não faço uso de uma segunda língua me meu dia-a-dia. Entre os motivos está o fato de eu não trabalhar na área em que estudo.

Curso: LETRAS INGLÊS (3392)

Semestre: 7º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

PARCIALMENTE. POIS AINDA NÃO FALO INGLÊS FLUENTEMENTE.

Curso: Letras - Inglês

Semestre: 7º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não me considero bilíngue. Ao mesmo não ainda. Apesar de ter um conhecimento relativamente bom de vocabulário, acredito que ainda tenha dificuldades de pronúncia e comunicação em alguns aspectos.

Curso: Letras - Inglês

Semestre: 1º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não, não consigo me comunicar em nenhuma outra língua a não ser português, por enquanto.

Curso: Letras Inglês

Semestre: _____

Atua como professor? (X) Sim () Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Atuo nas séries finais do ensino fundamental.

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Acho que posso dizer que sou sim alguém capaz de me comunicar em outra língua, o que me torna uma pessoa bilíngue. Acredito que a partir do momento que conseguiremos compreender e expressar o pensamento nos tornamos bilíngues.

Curso: Letras InglêsSemestre: 1º

Smael Paulus

Atua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

8º, 9º e 2º (ensino médio)

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim, cursei inglês por mais de 3 anos e falo fluentemente, tirei C1 no teste de proficiência do centro de línguas.Curso: Letras InglêsSemestre: 7º semestreAtua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Segundo a concepção que eu tenho a respeito de bilinguismo, sim. Me considero bilíngue pelo fato de eu ser capaz de me comunicar e compreender uma segunda língua. Também pelo fato de a segunda língua (o inglês no caso) ser muito importante e presente no meu dia a dia.Curso: Letras InglêsSemestre: 7º semestreAtua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim. Considero-me bilíngue por sustentar uma conversação em L2 e expressar minhas ideias de forma que meu ouvinte possa compreender.

Curso: Letras InglêsSemestre: 7º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Alho eu não me considero bilíngue porque não sei até que ponto eu poderia entender e me fazer entender se tivesse que me comunicar com algum nativo ou fluente na língua

Curso: Letras InglêsSemestre: 7º

Atua como professor? (X) Sim () Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

como professora no PIBID

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim, porém tem muitas coisas da língua que ainda não sei totalmente, por isso continuo estudando e procuro sempre praticar para não esquecer.

Curso: Letras InglêsSemestre: 7º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim, pois consigo me comunicar tanto em inglês quanto em português.

Curso: Letras Inglês

Semestre: 6º

Atua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Curso de Idiomas (idades diversas)

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim. Bilinguismo adquirido. Comecei a utilizar a língua inglesa para fins comunicativos, até atingir certo grau de fluência. Me considero bilíngue porque, além da língua materna, utilizo uma língua estrangeira com destreza e facilidade.

Curso: Letras Inglês 3392

Semestre: 6º

Atua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Ed. Infantil, fundamental 1 e 2.

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim, pois após anos de curso de inglês e viagens p/ outros países, acredito que posso me comunicar na 2ª língua, inglês, sem dificuldades.

Curso: Letras Inglês

Semestre: 4º

Atua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim, pois entendo relativamente bem a língua inglesa

ANEXO E – Respostas dos alunos de português e espanhol

Curso: Português-EspanholSemestre: 5º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não. Porque é considerado bilíngue quem é criado desde a infância ou no apren-
dizado da língua mãe em dois idiomas.

Curso: Letras Português/EspanholSemestre: 5º

Atua como professor? (X) Sim () Não PIBID

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Atuo no PIBID, subprojeto Espanhol com alunos de 6º e 7º ano.

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Diziam que estou em processo, tenho muito o que
aprender ainda. Acredito que alcançarei essa
denominação algum dia...

Curso: Letras Português/EspanholSemestre: 5º semestre

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não. Porque não consigo falar fluentemente ainda. Mas
estou me esforçando para isso acontecer.

Curso: Letras Português/EspanholSemestre: 5º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não, ainda falta vocabulário como gírias entre
outras coisas para aprender

Curso: Letras Português / Espanhol

Semestre: 5º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não. A graduação somente dá uma base para a conversação, porém é preciso aprender fora.

Curso: Letras Português / Espanhol

Semestre: 3º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não, pois opere de até no 5º semestre, apenas agora consegui cursar o Espanhol I.

Curso: Letras: Português / Espanhol

Semestre: 5º semestre

Atua como professor? (X) Sim () Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

5º anos

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Em partes. Estudo muito o espanhol e acredito melhorar se rode dia mais.

ANEXO F – Respostas dos alunos de curso não identificado

Curso: LetrasSemestre: 5º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não, pq não falo fluentemente a 2ª língua.

Curso: LetrasSemestre: 7º semestre

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Ainda não, pois quero de ler e escrever, a
falo um inglês ainda não está bem fluente em
na totalidade

Curso: LETRASSemestre: 1º SEMESTRE

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não, sou iniciante no inglês.

Curso: LetrasSemestre: 6º

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim, pois consigo estabelecer comunicação tanto
na português quanto no inglês.

Curso: LetrasSemestre: 8º

Atua como professor? (X) Sim () Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Ensino fundamental II (6º ao 9º ano)

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Não.

Curso: LETRASSemestre: 1ª

Atua como professor? () Sim (X) Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Eu não conheço esta pala-
ra pois até ter ouvido falar
mas não é uma palavra fa-
miliar.

ANEXO G – Respostas dos alunos de letras espanhol

Curso: letras / Espanhol

Semestre: 6^o

Atua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

7º e 8º

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim, porque já tive todos os níveis do espanhol do curso
letras / Espanhol, acredito que quanto mais horas e
nomes atrás para aprendemos cada vez mais e quanto
possuirmos aprendizado e falamos a língua, somos bilíngue!

Curso: letras / Espanhol

Semestre: 4º

Atua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Acredito que sim, sou bilíngue por compreender e
poder me comunicar em outro idioma que não o
meu e também por ter condições de transmitir
este conhecimento para outros.

Curso: LETRAS ESPANHOL

Semestre: 8º semestre

Atua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim, pois relativamente domino minha língua materna e
tenho fluência no espanhol!

Curso: Letras EspanholSemestre: 5ºAtua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

PIBID, 3º e 4º ano

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Considero-me intermediária. Sempre possuímos a capacidade de aprender mais. Estou na Espanhol 5 e acredito que ainda não seja a necessidade para eu me tornar bilíngue. Cursos letivos tomados são válidos, ainda não tive a oportunidade de fazer um.

Curso: Letras / EspanholSemestre: 7ºAtua como professor? Sim Não

Se a resposta anterior for sim, para quais séries?

Ensino Fundamental 6º ano, Médio 1º, 2º e 3º e Já 8º e 9º (médio)

Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

Sim, acredito que consigo perfeitamente compreender a língua espanhola independentemente do país em que for estar, e nessa formação nos possibilita inteiramente a isso